UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

SAMMIA KLANN VIEIRA

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E A CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA VOLTADAS À LINGUAGEM ESCRITA A PARTIR DA ABORDAGEM SÓCIO - HISTÓRICA

CURITIBA

2019

SAMMIA KLANN VIEIRA

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E A CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA VOLTADAS À LINGUAGEM ESCRITA A PARTIR DA ABORDAGEM SÓCIO - HISTÓRICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Distúrbios da Comunicação, da Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.
Orientadora Profª. Drª. Ana Paula Berberian Vieira da Silva.

CURITIBA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na fonte
Biblioteca "Sydnei Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

V657 Vieira, Sammia Klann.
A produção do conhecimento e a clínica fonoaudiológica voltadas à linguagem escrita a partir da abordagem sócio-histórica / Sammia Klann Vieira; orientadora Profª. Drª. Ana Paula Berberian Vieira da Silva.
95f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2019.

1. Linguagem escrita. 2. Estudo de caso. 3. Ensino superior. I. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação/ Mestrado em Distúrbios da Comunicação. II. Título.

CDD – 616.855

Bibliotecária responsável: Heloisa Jacques da Silva – CRB 9/1212

TERMO DE APROVAÇÂO

SAMMIA KLANN VIEIRA

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E A CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA VOLTADAS À LINGUAGEM ESCRITA A PARTIR DA ABORDAGEM SÓCIO - HISTÓRICA

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do título de Mestre no Curso de Mestrado em Distúrbios da Comunicação na Universidade Tuiuti do Paraná.

Curitiba, __ de _____ de 2019.

Programa de Pós-Graduação de Doutorado e Mestrado em Distúrbios da Comunicação

Universidade Tuiuti do Paraná

Orientador: Prof.
Universidade Tuiuti do Paraná

Co-orientador: Prof.
Universidade Tuiuti do Paraná

Prof.
Universidade Tuiuti do Paraná

Prof.
UNESP/ Marília

Dedicatória

À minha mãe, Elaine, e ao meu pai, Gedor. Sem vocês não seria possível trilhar essa caminhada. Essa vitória não é minha, ela é nossa!

Agradecimentos

Agradeço,

A Deus: pelo fôlego de vida e a pela condução do meu caminho até aqui. Minha fé, meu escudo!

Aos meus pais Elaine e Gedor: motivo de minha luta, vitória, admiração e existência. E pelo apoio incondicional.

Aos meu irmãos e cunhadas Kelvin, Amanda, Arthur e Laiana e principalmente à minha irmã Daphne: pela força que me deram.

Ao meu namorado Samuel: pela paciência e amor que me sustentaram até aqui.

À minha orientadora Ana Paula: pelo incentivo, paciência, ajuda e transformação que me proporcionou.

Às minhas amigas da graduação: pelo incentivo desde a minha escolha.

Aos meus amigos que fiz no mestrado: por toda a ajuda compartilhada e companheirismo. Angela, Simone, Rosana, Neliana e todos os outros amigos cada um ocupa um lugar especial em meu coração.

À Giselle Sypczuk: por me ensinar o verdadeiro significado de altruísmo.

Aos membros da banca, Professoras Ana Cristina, Giselle e Claudia: pelas considerações em meu trabalho que fizeram com eu pudesse avançar ainda mais.

À minha coordenadora da graduação, Professora Maria Regina: uma de minhas grandes inspirações para que eu percorresse essa caminhada.

A todos os participantes e organizadores da extensão ‘Oficina do Letramento’: por me acolherem e por todos momentos que juntos vivemos.

A todos os meus pacientes: pela inspiração, pela troca, por me fazerem refletir e por acreditarem em meu trabalho.

À CAPES: pelo apoio financeiro para a realização deste trabalho.

A todos, aqui citados ou não, meu muito obrigada!

“Ao único Deus, sábio, seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre. Amém”
Bíblia - Romanos 16. 27

RESUMO

Nos últimos anos pode-se acompanhar o crescimento de alunos que ingressam no Ensino Superior (ES) e um aumento no número de graduandos que apresentam condições restritas de leitura e escrita. Paralelamente a procura por atendimento clínico fonoaudiológico. Diante deste cenário, diversas áreas do saber têm se ocupado desta problemática, afim de compreender como os problemas enfrentados por esses alunos podem ser superados. Cabe esclarecer, que está dissertação foi organizada a partir da realização de dois artigos científicos, um que visa analisar a produção do conhecimento publicada em revistas da área da fonoaudiológica, no período de 2013 a 2017, em forma de estudos de caso que enfocam a linguagem escrita e que estão fundamentados a partir de princípios pertinentes à perspectiva sócio-histórica; e o segundo artigo analisa os impactos da abordagem clínica fonoaudiológica voltada à linguagem escrita, baseada na perspectiva sócio-histórica, junto a um acadêmico inserido no ES. A partir do artigo I foi possível constatar que 17% (353) dos artigos foram produzidos como estudos de caso e, dentre esses, 7% (25) versam sobre a linguagem escrita e desses, 26% (7) estão assentados na perspectiva sócio-histórica. Ainda é possível afirmar que a partir das terapias e oficinas, realizadas a partir do paradigma sócio-histórico, os participantes das pesquisas passaram a conceber a linguagem escrita como atividade dialógica, ressignificando suas posições como leitor, escritor e falante, ampliando a compreensão das diferentes modalidades da linguagem. No que se refere ao artigo II, os dados foram coletados diante de atendimentos fonoaudiológicos semanais, com duração de uma hora, ao longo do primeiro ano de atendimento com um paciente que cursa o ES com queixas referentes à linguagem oral e escrita. A partir do atendimento, pôde-se acompanhar uma série de mudanças quanto às posições subjetivas em relação as suas condições de leitura e escrita. Os resultados evidenciam uma mudança de postura do sujeito frente à leitura e a escrita, tal condição se torna possível a partir da atribuição de significados ao uso da escrita e ressignificação das práticas vivenciadas. Ao terminar essa dissertação, fica-nos a certeza de que é preciso ressaltar a necessidade e a importância de novos estudos, práticas e pesquisas direcionadas também à população acadêmica no sentido de consolidar o papel do fonoaudiólogo, ao se deparar com as dificuldades dos pacientes na clínica fonoaudiológica, como um profissional que vislumbra o papel da linguagem como constitutiva do sujeito e que busca uma sociedade mais igualitária. Além disso, é preciso entender as IES como instituições de ensino que atendam a todos, na qual alunos são aprendizes que atuam com e sobre a linguagem, sem outros títulos a não ser este.

Palavras-chave: Linguagem escrita, Estudo de caso, Ensino superior.

ABSTRACT

In recent years the growth of students entering Higher Education (ES) and an increase in the number of undergraduate students with restricted reading and writing conditions can be observed. Parallel to the demand for clinical speech therapy. Given this scenario, several areas of knowledge have dealt with this problem, in order to understand how the problems faced by these students can be overcome. It should be clarified that this dissertation was organized from two scientific articles, one aimed at analyzing the production of knowledge published in journals in the area of speech and language therapy, from 2013 to 2017, in the form of case studies that focus on language written and based on principles relevant to the socio-historical perspective; and the second article analyzes the impacts of the speech-language approach to writing, based on the socio-historical perspective, together with an academic inserted in the ES. From article I, it was possible to verify that 17% (353) of the articles were produced as case studies and, among these, 7% (25) deal with written language, 26% (7) of them are based on the partner perspective -historical. It is still possible to affirm that from the therapies and workshops, based on the socio-historical paradigm, the research participants began to conceive of written language as a dialogical activity, re-signifying their positions as reader, writer and speaker, increasing the understanding of different modalities of language. With regard to article II, the data were collected before weekly speech therapy sessions, lasting one hour, during the first year of care with a patient who attends the ES with complaints regarding oral and written language. From the attendance, it was possible to follow a series of changes as to the subjective positions in relation to their reading and writing conditions. The results evidenced a change of posture of the subject in front of the reading and the writing, such condition becomes possible from the attribution of meanings to the use of writing and resignification of the lived practices. At the end of this dissertation, we are certain that it is necessary to emphasize the need for and importance of new studies, practices and research directed also at the academic population in order to consolidate the role of the speech therapist, when facing the difficulties of patients in the as a professional who sees the role of language as constitutive of the subject and that seeks a more egalitarian society. In addition, it is necessary to understand HEIs as institutions of education that serve all, in which students are learners who act with and on language, without other titles than this

Keywords: Written language, Case study, Higher education.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....12

ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO.....16

1 INTRODUÇÃO.....17

1.1 A LINGUAGEM A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA: UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL.....26

1.2 DIMENSÕES DA LINGUAGEM ESCRITA: DISCURSIVA, TEXTUAL E NORMATIVA.....30

1.3 CLÍNICA FONOAUDIÓLOGICA VOLTADA À LINGUAGEM ESCRITA A PARTIR DA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA.....36

2 ARTIGO I.....42

3 ARTIGO II.....63

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....85

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....88

APRESENTAÇÃO

Os objetos de estudo dessa dissertação, ou seja, a produção do conhecimento e a clínica fonoaudiológica voltadas à linguagem escrita a partir da perspectiva sócio-histórica, foram delineados ao longo da minha trajetória acadêmica e de meu percurso profissional.

Durante o curso de graduação em Fonoaudiologia, iniciado em 2013, foram recorrentes situações em que fui confrontada com dificuldades para realizar e compartilhar leituras e escritas dos textos que faziam parte da minha formação acadêmico-profissional. Contudo, foi no último ano da graduação que me deparei, de forma mais contundente, com tais dificuldades e com uma condição restrita ao escrever o meu trabalho de conclusão de curso, as quais, em geral, também eram vivenciadas pela maioria de meus colegas de turma.

No último ano de formação, pude escolher atender um jovem de 31 anos que estava cursando o Ensino Superior (ES), numa Universidade de Curitiba, encaminhado para atendimento clínico fonoaudiológico, com queixas referentes à linguagem oral e escrita.

O processo terapêutico vivenciado junto a esse jovem foi fundamental para a escolha da problemática que passei a me ocupar no contexto da pesquisa e da clínica Fonoaudiológica. Esse acadêmico iniciou o atendimento referindo ser mau falante, leitor e escritor e supunha ter um distúrbio, de natureza orgânica ou funcional, que justificava tal situação. No decorrer desse processo, ele passou a compreender como experiências vivenciadas nos contextos familiares e escolares participaram da construção de sua história marcada por relações negativas com a linguagem oral e escrita. Em outras palavras, a partir do processo terapêutico fonoaudiológico realizado foi possível acompanhar uma mudança de posição do referido jovem em relação às suas condições de oralidade, leitura e escrita, ou seja, no início do atendimento ele supunha que as causas de suas limitações eram inerentes a ele, no decorrer do processo passou a compreendê-las como condição que foi constituída ao longo de sua história e, portanto, de suas condições materiais e subjetivas de vida.

Ter participado desse processo de ressignificação de sua posição subjetiva em torno da linguagem oral e escrita que ocorreu durante os atendimentos realizados com esse paciente, despertou em mim o desejo de aprofundar estudos a respeito de abordagens fonoaudiológicas que pudessem contribuir para a promoção do letramento junto a pessoas inseridas nesse nível de formação.

Após a conclusão da graduação, passei a atuar numa clínica multiprofissional, com significativa demanda de pacientes com queixas de leitura e escrita. A experiência com profissionais de diferentes áreas e embasados em perspectivas teóricas distintas gerou uma série de inquietações e angústias, pois passei a compreender, de forma mais contundente, como o posicionamento teórico-prático resulta em diferentes formas de se compreender e atuar junto aos pacientes.

Durante a graduação tive acesso a diferentes abordagens teóricas que poderiam sustentar a prática clínica fonoaudiológica e pude entender que haveria de fazer uma escolha. No entanto, foi ao iniciar a minha prática profissional que compreendi a necessidade de aprofundar meus conhecimentos e de assumir uma posição quanto a essa escolha e a importância que essa teria em minha vida profissional. Essa consciência despertou em mim o desejo de conhecer, ainda mais, e de me apropriar dos fundamentos teóricos da perspectiva sócio-histórica, uma abordagem que atende aos meus anseios.

A identificação com tal abordagem ocorreu, uma vez que a partir da mesma pude ampliar o meu olhar e ir, passo a passo, me apropriando de elementos teóricos e práticos que me permitem analisar como aspectos sociais amplos, políticos, econômicos, culturais, educacionais estão articulados às experiências particulares dos pacientes e de suas famílias. Além disso, o entendimento de princípios e conceitos acerca dessa perspectiva me permitiu compreender que minhas reflexões não estavam restritas ao outro, mas relacionadas, também, às minhas experiências e condições como falante, leitora e escritora. A partir disso, pude ampliar minha consciência e meu autoconhecimento, provocando, assim, uma mudança na minha posição em relação à linguagem.

Assim, já graduada em Fonoaudiologia e diante da necessidade de continuar minha formação profissional e seguindo o desejo de me aprofundar no estudo da

Linguagem, busquei o Programa de Mestrado em Distúrbios da Comunicação da Universidade Tuiuti do Paraná, para que pudesse analisar e atuar, de forma mais consistente, em relação à problemática vivenciada por alunos do ES com a linguagem oral e escrita, sob à luz da perspectiva sócio-histórica.

Em vista disso, esta pesquisa faz parte de estudos desenvolvidos no Núcleo de Estudo Promoção da Linguagem, vinculado à Linha de Pesquisa: **Promoção da Linguagem nos Contextos da Saúde e Educação,** cujo compromisso é sistematizar conhecimentos e práticas clínicas e educacionais na área da Fonoaudiologia. Uma das vertentes das pesquisas desenvolvidas pelos participantes desse Núcleo pretende contribuir com a democratização do ensino no Brasil em seus diferentes níveis e modalidades, enfocando, especialmente, a promoção do letramento como condição de acesso a um ensino de qualidade.

Cabe destacar que vinculada a esse Núcleo é realizada uma Oficina intitulada "Promoção do letramento junto a acadêmicos de Fonoaudiologia", da qual participo desde 2017, com o objetivo de promover a ressignificação das relações negativas com a linguagem escrita e o avanço na apropriação e no uso de tal modalidade de linguagem, com enfoque em atividades linguístico-discursivas relacionadas a diversos gêneros discursivos com ênfase nos acadêmicos.

Ressalto, ainda, que, desde maio de 2017, venho realizando atendimento clínico fonoaudiológico junto a um acadêmico do curso da área de ciências exatas e da terra da Universidade Federal do Paraná (UFPR), o qual como explicitado a seguir será sujeito do estudo de caso que compõe essa dissertação. Tal atendimento faz parte de uma parceria estabelecida entre o Programa de Mestrado e Doutorado da UTP e a UFPR, cujo objetivo é promover ações voltadas à formação continuada junto a profissionais que atuam na área de necessidades educacionais especiais na UFPR e no atendimento clínico fonoaudiológico de alunos da referida Instituição de Ensino Superior (IES) com queixas relacionadas à linguagem oral e escrita.

Para o desenvolvimento desse trabalho, a partir de minhas ansiedades e experiências, foram estabelecidas as temáticas desse estudo, ou seja, a produção do conhecimento e a clínica fonoaudiológica voltadas à linguagem escrita a partir da perspectiva sócio-histórica. O reconhecimento de como tais temáticas convergem

permitiu a delimitação da problemática e dos objetivos dessa dissertação, os quais estiveram comprometidos com:

- a análise de aspectos envolvidos com um problema nacional enfrentado por um número significativo de pessoas que, por vivenciarem condições restritas de leitura e escrita, encontram-se privadas de participar de forma ativa e crítica de relações e experiências sociais pertinentes a diferentes contextos e, em especial, ao contexto escolar-acadêmico;
- a produção de conhecimentos e práticas fonoaudiológicas capazes de promover a superação das condições acima mencionadas.

ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO

Feitas as considerações que evidenciam como foi se constituindo o meu envolvimento com a problemática e os objetivos desse estudo, destaca-se que a dissertação aqui apresentada foi desenvolvida a partir da seguinte estrutura:

- Introdução: contempla o aprofundamento da explicitação da problemática da pesquisa; uma discussão conceitual acerca da perspectiva sócio-histórica e das diferentes dimensões normativa, textual e discursiva que constituem a linguagem escrita; bem como, considerações a respeito de como tal perspectiva vem subsidiando a clínica fonoaudiológica voltada a essa modalidade de linguagem.

- Dois artigos científicos:

Artigo 1: “Estudos de caso voltados à linguagem escrita com base na perspectiva sócio-histórica: revisão integrativa”.

O objetivo desse estudo foi analisar a produção do conhecimento publicada em revistas da área da Fonoaudiologia, no período de 2013 a 2017, em forma de estudos de caso que enfocam a linguagem escrita e que estão fundamentados a partir de princípios pertinentes à perspectiva sócio-histórica.

Artigo 2: “Abordagem fonoaudiológica voltada à linguagem escrita: um estudo de caso junto a um acadêmico inserido no Ensino Superior”.

Este estudo teve por objetivo analisar as contribuições da abordagem clínica fonoaudiológica, enfocando especialmente os aspectos discursivos, textuais e normativos que constituem a linguagem escrita baseada na perspectiva sócio-histórica, junto a um acadêmico inserido no ES.

- Considerações Finais: articulação entre os resultados e análises realizadas nos dois artigos. Explicitação dos limites do trabalho, bem como, dos objetivos alcançados e de suas contribuições na delimitação de novos estudos e de propostas de intervenções fonoaudiológicas no contexto clínico voltado à promoção do letramento.

1 INTRODUÇÃO

Práticas de leitura e escrita estão presentes, de modos distintos, no cotidiano das pessoas que vivem em uma sociedade letrada desde muito cedo e, portanto, anteriormente ao ingresso no ensino formal. Os contatos, as relações, os processos de apropriação, os valores e usos estabelecidos com e a partir de diferentes materiais e textos escritos são vivenciados de forma menos ou mais frequentes e significativas pelas pessoas dependendo dos contextos sociais e históricos em que estão inseridas ao longo de suas trajetórias de vida (CAGLIARI 1997, ROJO 1998).

Se é fato que práticas de leitura e escrita estão presentes no cotidiano dos sujeitos, cabe destacar a importância que as experiências vivenciadas com tal modalidade de linguagem no contexto escolar exercem sobre os processos de apropriação e uso da mesma. Tal importância pode estar relacionada, dentre outros, aos seguintes aspectos:

- ao fato de a escola ser considerada socialmente como a instituição predominantemente responsável por gerenciar a apropriação e o ensino da língua portuguesa em sua modalidade escrita.
- ao fato de que, nesse contexto, as práticas de leitura e escrita passam a ser ainda mais frequentes e diversificadas, pois a escola, como espaço institucional de acesso e apropriação do conhecimento sistematizado, demanda a leitura e escrita de textos acadêmicos para o desenvolvimento das diferentes disciplinas e, portanto, que os estudantes estabeleçam relações com e a partir dos gêneros acadêmicos relacionados a vários campos do saber (ROJO 1998, BERBERIAN 2003).

Pôde-se acompanhar que desde meados do século XX, políticas e diretrizes educacionais enfatizam o papel que a escola exerce sobre os processos de apropriação e uso da referida modalidade de linguagem e como, por sua vez, a efetividade de tais processos é determinante para que as pessoas possam participar ativa e criticamente das relações e formas de organização social. Nesse sentido, cabe

destacar como nos Parâmetros Curriculares Nacionais, difundidos a partir de 1997, é atribuído à escola o papel de

> Garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania [...]. Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover sua ampliação de forma que [...] cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. (PCN, 1997, p.19)

Passados 20 anos da publicação do documento acima referido, reiterando o princípio de que a constituição de leitores e escritores está diretamente relacionada ao exercício da cidadania e que a escola tem papel fundamental nesse processo, a Base Nacional Comum Curricular, publicada em abril de 2017, expõe que

> No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, aprofundam-se as experiências com a língua oral e escrita já iniciadas na família e na Educação Infantil. Assim, no Ensino Fundamental [...] desenvolvem-se, a observação das regularidades e a análise do funcionamento da língua e de outras linguagens e seus efeitos nos discursos; no eixo Leitura/Escrita, amplia-se o letramento, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente, assim como no eixo Produção de Textos, pela progressiva incorporação de estratégias de produção de textos de diferentes gêneros textuais. (BNCC, 2017, p.87)

Apesar das diretrizes que regem o ensino da língua portuguesa em nosso país, desde meados dos anos 1990, evidenciarem o papel da escola na formação de leitores e escritores capazes de estabelecer relações significativas com os diferentes gêneros discursivos que medeiam as relações e atividades humanas, conforme acima destacado, pesquisas de grande escala apontam para um número elevado de alunos que chegam ao ES com condições restritas de leitura e escrita, embora tenham percorrido, pelo menos, 12 anos de escolaridade (SILVA, VÒVIO, RIBEIRO, INAF–BRASIL /2016). .

Embora no Brasil o acesso ao ES ainda seja restrito, pode-se acompanhar um crescimento gradativo do mesmo, conforme apontado pelo Censo de Educação de 2016, pois houve um aumento de 62,8% de alunos matriculados entre os anos de 2006 e 2016 e uma média anual de 5% de crescimento. Ainda a partir do Censo, em 2017, publicou-se que 8.286.663 alunos estavam matriculados em cursos do ES (CENSO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2017). Esta ampliação, no entanto, não tem garantido o crescimento dos níveis de letramento da população brasileira. O Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) mostra que 32% dos estudantes do ES não dominam habilidades básicas de leitura e escrita, ou seja, avançaram nos níveis de escolaridade sem conseguir avançar na compreensão, interpretação e elaboração de textos escritos (SILVA, VÒVIO, RIBEIRO, INAF– BRASIL /2016).

É importante destacar que o conceito de letramento que orienta tais pesquisas está assentado, de acordo com Soares (1998), na ideia de que

> [...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, é o indivíduo que vive em estado de letramento, e não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES 1998, P.39,40).

Destaca-se que condições restritas de leitura e escrita podem ser identificadas em parcela significativa da população brasileira, fazendo parte da realidade de pessoas com e em diferentes níveis de formação. Tal problemática fica evidente diante de dados oficiais divulgados a partir de pesquisas de grande escala, a respeito das condições de letramento da população.

Para tanto, recorremos a resultados da pesquisa realizada pelo INAF[1] em parceria com o Instituto Paulo Montenegro e com a ONG Ação Educativa, pois a

[1] Apesar de trazermos para discussão os dados referentes ao Indicador Nacional de Alfabetismo (INAF), que utiliza o termo *Alfabetismo*, em nossa pesquisa não adotaremos essa classificação. De qualquer forma, tal pesquisa oferece elementos para uma análise ampla dos diferentes aspectos que participam das condições de letramento da população brasileira.

mesma parte do pressuposto de que práticas letradas são desenvolvidas, diversamente, em diferentes espaços sociais como, na escola, na igreja, na família e no trabalho (SILVA, VÒVIO, RIBEIRO, INAF– BRASIL, 2016).

Esse indicador, organizado a partir da classificação apresentada abaixo no Quadro 1, revela que a maioria dos participantes (com idades entre 15 e 64 anos) encontra-se nos grupos Elementar (32%) e Intermediário (42%), enquanto apenas 22% situam-se na condição de Proficiente. Em relação à população inserida no ES, 22% dos estudantes estão plenamente alfabetizados, ou seja, dominam as práticas de leitura, escrita e matemática, lendo textos complexos, comparando e interpretando, fazendo inferências, resolvendo problemas matemáticos que exigem maior domínio, como porcentagens, interpretação de tabelas e mapas, entre outros, enquanto 32% situam-se no nível elementar e 42% está no nível intermediário de alfabetismo.

Quadro 1: Escala de proficiência especial para estudo Alfabetismo e mundo do trabalho – INAF (2016)

Grupos	Escala especial para estudo Alfabetismo e mundo do trabalho
Analfabeto (0 < x ≤ 50)	▪ Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços, etc.).
Rudimentar (50 < x ≤ 95)	▪ Localiza uma ou mais informações explícitas, expressas de forma literal, em textos muito simples (calendários, tabelas simples, cartazes informativos) compostos de sentenças ou palavras que exploram situações familiares do cotidiano doméstico. ▪ Compara, lê e escreve números familiares (horários, preços, cédulas/moedas, telefone) identificando o maior/menor valor. ▪ Resolve problemas simples do cotidiano envolvendo operações matemáticas elementares (com ou sem uso da calculadora) ou estabelecendo relações entre grandezas e unidades de medida. ▪ Reconhece sinais de pontuação (vírgula, exclamação, interrogação, etc.) pelo nome ou função.
Elementar (95 < x ≤ 119)	▪ Seleciona uma ou mais unidades de informação, observando certas condições, em textos diversos de extensão média realizando pequenas inferências. ▪ Resolve problemas envolvendo operações básicas com números da ordem do milhar, que exigem certo grau de planejamento e controle (total de uma compra, troco, valor de prestações sem juros). ▪ Compara ou relaciona informações numéricas ou textuais expressas em gráficos ou tabelas simples, envolvendo situações de contexto cotidiano doméstico ou social. ▪ Reconhece significado de representação gráfica de direção e/ou sentido de uma grandeza (valores negativos, valores anteriores ou abaixo daquele tomado como referência).
Intermediário (119 < x ≤137)	▪ Localiza informação expressa de forma literal em textos diversos (jornalístico e/ou científico) realizando pequenas inferências. ▪ Resolve problemas envolvendo operações matemáticas mais complexas (cálculo de porcentagens e proporções) da ordem dos milhões, que exigem critérios de seleção de informações, elaboração e controle em situações diversas (valor total de compras, cálculos de juros simples, medidas de área e escalas); ▪ Interpreta e elabora síntese de textos diversos (narrativos, jornalísticos, científicos), relacionando regras com casos particulares a partir do reconhecimento de evidências e argumentos e confrontando a moral da história com sua própria opinião ou senso comum. ▪ Reconhece o efeito de sentido ou estético de escolhas lexicais ou sintáticas, de figuras de linguagem ou sinais de pontuação.
Proficiente (>137)	▪ Elabora textos de maior complexidade (mensagem, descrição, exposição ou argumentação) com base em elementos de um contexto dado e opina sobre o posicionamento ou estilo do autor do texto. ▪ Interpreta tabelas e gráficos envolvendo mais de duas variáveis, compreendendo elementos que caracterizam certos modos de representação de informação quantitativa (escolha do intervalo, escala, sistema de medidas ou padrões de comparação) reconhecendo efeitos de sentido (ênfases, distorções, tendências, projeções). ▪ Resolve situações-problema relativos a tarefas de contextos diversos, que envolvem diversas etapas de planejamento, controle e elaboração, que exigem retomada de resultados parciais e o uso de inferências.

Fonte: Indicador de Alfabetismo Funcional - Inaf (2016)

Além dos dados acima apresentados, cabe apresentar os resultados da pesquisa Índice de Letramento Cientifico (ILC), realizada em 9 regiões metropolitanas de estados brasileiros mais o Distrito Federal. Essa pesquisa foi realizada pela primeira vez em 2014 e teve o objetivo de avaliar o domínio da linguagem científica e sua aplicação prática no cotidiano, além de visões de mundo sobre a ciência no cotidiano que retratam as condições de leitura e de escrita da comunidade acadêmica. Tal pesquisa foi desenvolvida pelo Instituto Paulo Montenegro, pela Organização não governamental Ação Educativa e pelo Instituto Abramundo (ILC, 2014) e esteve pautada em três itens de avaliação:

> “a) domínio da linguagem – conhecimento sobre as nomeações relativas ao campo das ciências;
> b) saberes práticos – como são colocados em prática os conhecimentos científicos e quais os valores atribuídos a essas práticas e;
> c) visões de mundo – como os conhecimentos científicos pautam a visão de mundo dos entrevistados” (ILC, 2014, p. 8)

Da mesma forma que o INAF, o ILC analisa os resultados a partir de níveis de letramento, conforme descrito abaixo no Quadro 2.

Quadro 2 – Índice de Letramento Científico (ILC, 2015).

Letramento Não Científico	Localiza, em contextos cotidianos, informações explícitas em textos simples (tabelas ou gráficos, textos curtos) envolvendo temas do cotidiano (consumo de energia em conta de luz, dosagem em bula de remédio, identificação de riscos imediatos à saúde), sem a exigência de domínio de conhecimentos científicos.
Letramento Científico Rudimentar	Resolve problemas que envolvam a interpretação e a comparação de informações e conhecimentos científicos básicos, apresentados em textos diversos (tabelas e gráficos com mais de duas varáveis, imagens, rótulos), envolvendo temáticas presentes no cotidiano (benefícios ou riscos à saúde, adequações de soluções ambientais).
Letramento Científico Básico	Elabora propostas de resolução de problemas de maior complexidade a partir de evidências científicas em textos técnicos e/ou científicos (manuais, esquemas, infográficos, conjunto de tabelas) estabelecendo relações intertextuais em diferentes contextos.
Letramento Científico Proficiente	Avalia propostas e afirmações que exigem o domínio de conceitos e termos científicos em situações envolvendo contextos diversos (cotidianos ou científicos). Elabora argumentos sobre a confiabilidade ou veracidade de hipóteses formuladas. Demonstra domínio do uso de unidades de medida e conhece questões relacionadas ao meio ambiente, à saúde, astronomia ou genética.

Fonte: ILC (2015, p.53).

Segundo resultados obtidos a partir da realização dessa pesquisa, apenas 11% dos alunos que estão no ES possuem um nível de letramento científico considerado proficiente, ou seja, têm domínio sobre assuntos como tecnologia e genética, conseguem fazer uso da linguagem exigida pelo contexto (linguagem técnica, científica,

seja ela de modo informal ou formal) e conseguem elaborar e criticar argumentos. Esse mesmo indicador revela ainda que 4% desse público não possui letramento científico, ou seja, desconhece temas e discussões relacionadas ao contexto científico (acadêmico) e somente se utiliza de conceitos mais próximos à sua realidade (como ler bulas e contas de consumo de luz).

O resultado obtido no ILC é particularmente expressivo e surpreendente, ao revelar que somente cerca de 5% da população alcança o letramento científico proficiente e que entre as pessoas que concluíram o ES, pouco mais de 10% têm tal proficiência (ILC, 2014).

Interessa destacar que a problemática acima apresentada e os conflitos e contradições que a mesma contempla vêm sendo enfrentados a partir de ações focadas, predominantemente, no indivíduo. No Brasil, o aluno passa no mínimo 12 anos para realizar Ensino Fundamental e Médio, pode passar mais 4 no ES, sem contar com anos acrescidos por possíveis reprovações e, apesar desse período de inserção no sistema educacional ainda apresenta dificuldades de leitura e escrita (CAGLIARI, 2013).

Atrelada a essa situação, pôde-se apreender, nos últimos anos, um aumento significativo de encaminhamentos à clínica fonoaudiológica, para realização de avaliações e de atendimentos de alunos que estão cursando o ES, considerados por docentes e coordenadores de curso como portadores de supostos distúrbios, desvios ou patologias relacionadas à linguagem oral e/ou escrita (DONIDA, 2018).

Diante dessa crescente demanda clínica, coloca-se para a Fonoaudiologia o desafio de analisar quais aspectos estão articulados e envolvidos com a referida problemática e sistematizar conhecimentos e práticas clínicas que possam contribuir com a superação da mesma.

Conforme estudos realizados no campo da Fonoaudiologia, as explicações para as dificuldades relacionadas à apropriação da linguagem em sua modalidade escrita podem ser conduzidas, fundamentalmente, a partir de duas perspectivas:

- uma que concebe a escrita como código e seu aprendizado decorrente, predominantemente, de condições e habilidades orgânicas, perceptuais e cognitivas inerentes aos sujeitos; (CAPELLINI ET AL 2007).

- outra que considera a escrita como constitutiva dos sujeitos e das relações sociais e, portanto, que sua apropriação e o seu uso estão atrelados a aspectos históricos e coletivos (MORI-DE ANGELIS, 2006; GIROTO, 2006; BERBERIAN, 2013; SIGNOR 2013).

A partir da primeira perspectiva, limitações e/ou dificuldades relacionadas à aprendizagem e ao uso da leitura e escrita são tratadas de forma naturalizada e como se as mesmas tivessem causas individuais, orgânicas e/ou funcionais, encobrindo, assim, aspectos culturais, econômicos e sociais que resultam em desigualdades nas condições de acesso, de aprendizagem e apropriação da linguagem escrita (CAGLIARI, 1997; MASSI, 2007; SANTANA, 2015).

Essa perspectiva decorre de abordagens acerca do processo escolar/acadêmico e da aprendizagem da linguagem escrita que tendem a imputar no indivíduo a culpa pelas condições restritas de leitura e escrita, a identificar causas orgânicas que justificam tais condições, bem como, a classificar e diagnosticar supostos distúrbios de leitura e escrita.

Para Collares e Moysés (2011), tais condutas resultam em processos de patologização e medicalização, a partir dos quais ocorre a transformação de questões não médicas, isto é, sociais e políticas, em questões médicas. Ou seja, há um investimento em identificar, prioritariamente, nas condições orgânicas e funcionais causas e soluções para problemas de ordem social. Dessa forma, o processo saúde/doença, fica reduzido a um fenômeno centrado no indivíduo, que resulta na patologização das experiências e dos processos humanos (COLLARES; MOYSÉS,1996).

Contrapondo tal posição, a segunda perspectiva, denominada dialógica, procura contemplar o homem na sua condição de sujeito, entendendo-o como indivíduo e, ao mesmo tempo, como ser histórico, percebendo a sua singularidade e, também, o vínculo que estabelece com o contexto social no qual está inserido (MASSI, 2007).

Esta perspectiva, pautada em pressupostos formulados, dentre outros estudiosos por Bakhtin, que busca apreender o homem como um ser que se constitui participando ativa e permanentemente de uma intrincada rede de relações sociais. É nesse sentido que Bakhtin refere, figurativamente, que o sujeito não toma suas

palavras do dicionário, mas dos lábios dos outros. Assim, nenhum sujeito dialoga e se constituiu com e a partir de uma só voz social, mas sempre, com e a partir de muitas vozes.

Essa perspectiva teórico-metodológica oferece elementos para análise da historicidade do sujeito e de suas relações com a linguagem escrita, dos processos de apropriação da mesma e para o entendimento dos aspectos culturais, políticos, econômicos e educacionais envolvidos com as restritas condições de leitura e escrita de parcela significativa da população brasileira e, portanto, dos sujeitos com que a fonoaudiologia atua clinicamente.

Ressalta-se ainda, que a partir dessa perspectiva entende-se que possíveis instabilidades em torno do objeto escrito, e manifestações fora do padrão são parte dos processos de apropriação da mesma, as quais, em geral são, equivocadamente, identificadas como sinais e/ou sintomas de quadros ditos patológicos. Alinhados a essa perspectiva, denominada como sócio-histórica, faz-se necessário, nesse trabalho, discorrer sobre princípios e pressupostos que fundamentam o modo como se concebe a linguagem e seus processos de apropriação.

É importante esclarecer que este estudo, assentado em tal perspectiva, está inserido em um contexto de produção de conhecimento constituído por profissionais de diferentes áreas que, por reconhecerem a existência de um número significativo de alunos com restritas condições de leitura e escrita no ES e os impactos negativos de tal fato no processo de formação acadêmico-profissional, estão comprometidos em analisar os seguintes aspectos: - questões que têm gerado tais condições; -trajetórias acadêmicas vivenciadas pelos referidos alunos; - modos como tais condições vêm sendo abordadas e enfrentadas pelos alunos, docentes e gestores que compõem a comunidade acadêmica; - sistematização de fundamentos e práticas que permitam implementar ações no ES capazes de contribuir com a promoção da linguagem e, portanto, com a participação efetiva dos acadêmicos na sua formação; - abordagens clínicas fonoaudiológicas e psicológicas dirigidas a tais alunos.

Nesse contexto de produção, o estudo aqui apresentado foi delimitado considerando dois aspectos que envolvem temáticas – diretamente - relacionadas à área fonoaudiológica. São eles: - a produção do conhecimento fonoaudiológico, no

formato de estudos de caso, voltados à linguagem escrita, a partir da perspectiva sócio-histórica; - princípios e procedimentos da clínica fonoaudiológica voltada à linguagem escrita, assentada na referida perspectiva, a partir de um estudo de um caso envolvendo um sujeito inserido no ES.

1.1 A LINGUAGEM A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA: UMA DISCUSSÂO CONCEITUAL

Nesse estudo, assentado na perspectiva sócio-histórica, a linguagem escrita é concebida enquanto prática social constitutiva dos sujeitos e das formas de organização social e que os modos como nos apropriamos e nos relacionamos com as diferentes modalidades de linguagem definem os processos humanos e, assim, a vida numa sociedade letrada. Para explicitar tais fundamentos recorremos à afirmação de Soares (2009), ao analisar as implicações decorrentes de uma condição e/ou estado de quem sabe ler e escrever

> Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, *mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver* na sociedade, sua inserção na cultura, sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente" (Soares, 2009, p.37).

Para discorrer acerca da referida perspectiva apresentaremos, especialmente, pressupostos sistematizados por Bakhtin[2] e por membros do Círculo e, também, por

[2] Conforme afirma Sobral (2009), Mikhail Bakhtin foi um dos mais importantes pensadores do século XX, conhecido como teórico da literatura, da linguagem e do discurso e, mais recentemente (em especial, fora do Brasil) como filósofo da linguagem. Procurou em sua obra romper com as ideias vigentes de sua época, no entanto, sua produção permite reflexões a respeito de diversas questões contemporâneas nos mais diversos campos do conhecimento. Em referência ao Círculo, cabe esclarecer que este era composto por intelectuais russos, dentre os quais se encontravam Mikhail Bakhtin; Valentin Volochinov e Pavel Medvedev, que no início do século XX, reuniam-se regularmente. De acordo com Faraco, 2003,

estudiosos contemporâneos comprometidos com tais pressupostos, como: Geraldi (1991/ 2013), Moysés e Collares (1997/2010), Cagliari (2001/2012), Berberian (2002), Pan (2003/ 2014), Massi (2007), Fiorin (2006), Faraco (2009), Soares (2009), Koch (2003/2008) entre outros.

Tais autores, inseridos em diversas áreas do saber como Fonoaudiologia, Linguística, Educação e Psicologia, estão comprometidos com o implemento de pesquisas orientadas pelo entendimento de que o homem é um ser histórico, constituído, dialeticamente, por dimensões singulares e sociais a partir das relações dialógicas.

Diante da escolha teórica acima anunciada, cabe avançar na explicitação de fundamentos que perpassam a perspectiva sócio-histórica em relação ao sujeito, à linguagem e aos seus processos de apropriação.

Com base na perspectiva sócio-histórica o homem é concebido como ativo, social e histórico; a sociedade, como produção histórica dos homens e a história, como o movimento contraditório constante do fazer humano. Para compreender o homem, sua vida, seu trabalho, suas lutas, Bakhtin (1998) afirma que "não é possível, se não por meio de textos, signos, criados ou por criar".

De acordo com Bakhtin (1998), a linguagem é uma atividade social e, desta forma, língua e interação são indissociáveis, uma vez que se constituem de forma recíproca e contínua a partir dos contextos concretos envolvidos na interação verbal. O autor afirma, ainda, que a linguagem não é um mero objeto pronto e acabado, tampouco a representação ou expressão do pensamento individual, mas uma prática, um ato que se dá na relação interpessoal.

Acerca da noção da linguagem como prática/atividade, Faraco (2009), explica que para Bakhtin e para os membros do Círculo a realidade fundamental da linguagem é o fenômeno social envolvido com a interação verbal, o que confere às relações e experiências humanas caráter decisivo para o entendimento da linguagem.

---

durante este período (compreendido entre 1919 e 1929), o Círculo desenvolveu estudos tendo como tema central a linguagem.[2]

De acordo com tal perspectiva, para Geraldi (1991) a linguagem é fruto de um trabalho coletivo e histórico, em que cada sujeito se identifica com os outros ou se contrapõe. Nesse sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é um trabalho de um único artesão, mas trabalho seu e dos outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui dinâmica e continuamente.

Acerca do papel constitutivo da linguagem, cabe destacar a noção defendida por Bakhtin de que o centro organizador e formador da consciência e do pensamento do sujeito é exterior a ele, encontrando-se na interação verbal a partir de um território social definido (BAKHTIN, 1997).

As interações se estabelecem em um território social e histórico amplo que

> [...] representa muito mais do que o espaço geográfico. Assim, o município pode ser considerado um território, mas com múltiplos espaços intraurbanos que expressam diferentes arranjos e configurações socioterritoriais. Os territórios são espaços de vida, de relações, de trocas, de construção e desconstrução de vínculos cotidianos, contradições e conflitos, de expectativas e de sonhos, que revelam os significados atribuídos pelos diferentes sujeitos. (BRASIL, 2008, p. 54).

A ênfase no caráter social da linguagem pode ser apreendida na noção de que a palavra comporta duas faces: ela procede de alguém e se dirige para alguém. A partir desse entendimento, Bakhtin afirma que “[...] através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN, 1998, p. 113).

O outro assume, então, um papel determinante na constituição da consciência e na relação do sujeito com a realidade. A cada palavra do outro elaboramos uma réplica, uma contra palavra e fazemos corresponder nossas palavras e nesse processo dialógico se torna possível significar e assumir posições valorativas que transitam entre os interlocutores. A partir dessa ótica, não existem enunciados neutros, pois toda palavra é carregada de conteúdos ideológicos e todo enunciado pressupõe uma posição valorativa-axiológica (FARACO, 2009).

Alinhado à essa posição, Geraldi (2013) afirma que toda interação é uma relação intersubjetiva entre um *eu* e um *tu* e localizada num contexto mais amplo. Dessa forma,

o ser humano se situa não na ordem do biológico e das leis naturais, mas na ordem do simbólico e das leis histórico-culturais.

Para Faraco (2009) tais relações, nos diversos contextos sociais, não ocorrem de forma direta, elas são sempre mediadas por signos e significações e, nessa direção, a interação social só se torna possível por meio da linguagem, da palavra, da enunciação.

Nas relações dialógicas, o sujeito diante do enunciado do outro adota uma postura de responsividade, a partir da qual concorda, discorda, contrapõe, amplia o que foi dito, ou até responde com o silêncio (BAKHTIN, 1997). Enfim, para esse autor tais relações ocupam lugar de destaque na constituição do sujeito e na formação de sua consciência, reiterando a função constitutiva, organizadora e estruturante da linguagem (BAKHTIN, 1998).

Quanto à subjetividade, aqui compreendida como processo constante de posicionamentos nos complexos semântico-axiológicos que são tramados pelas diversas vozes sociais, cabe a cada sujeito posicionar-se/situar-se na diversidade de valores sociais que constituem verdades e falsidades, o certo e o errado, o que é bom ou não em uma sociedade (PELISSARI, PAN, 2014). Estes posicionamentos realizam-se ética e esteticamente na linguagem pelo sujeito na enunciação. Concebe-se, então, que o sujeito fala a partir de valores construídos socialmente, sob formas de dizer e compreender o mundo frente a outros enunciados (AMORIM, 2002).

Dessa forma, o posicionamento socioaxiológico decorre das experiências vividas pelos diferentes grupos sociais constituídas pela multiplicidade de vozes que soam no plurilinguismo social. A base constitutiva da língua é a plurivalência que retrata diferentes formas de significar a realidade, segundo as vozes sociais, as axiologias dos que a empregam (PAN, 2003). Ainda nessa direção, a linguagem intercepta-se, de diversas maneiras, sem perder, contudo, sua perspectiva semântico-axiológica (BAKHTIN, 1998, p.98).

Diante dessa perspectiva o sujeito, singular e único, também é social, pois é na relação com o outro, a partir da linguagem corporal, da fala ou da escrita, que vai percebendo seu entorno e construindo, então, sua visão de mundo.

A partir dos pressupostos acerca da linguagem, pode-se depreender a

linguagem escrita como um trabalho social e histórico que envolve um eu e um outro e, portanto, constitui-se numa prática dialógica (GERALDI, 2013).

Partindo de tal perspectiva e considerando os objetivos desse estudo, pretendemos no próximo item, discorrer sobre a linguagem escrita apresentando alguns aspectos que compõem suas dimensões discursivas, textuais e normativas.

1.2 DIMENSÕES DA LINGUAGEM ESCRITA: DISCURSIVA, TEXTUAL E NORMATIVA

Conceber a linguagem escrita como prática social significa compreendê-la como atividade discursiva a partir da qual alguém "diz" algo a alguém, por meio de enunciados orais e escritos que permitem a construção e o compartilhar de sentidos. Isto requer que sejam levadas em consideração suas condições de produção, ou seja, para escrever é preciso que se tenha algo a dizer, para quem dizer, uma razão para fazê-lo e estratégias para tal (GERALDI, 2013).

Para discorrer acerca dos aspectos relacionados à dimensão discursiva da linguagem escrita, cabe elucidar que o enunciado, constitutivamente dialógico, é sempre histórico e sua historicidade é captada no próprio movimento linguístico de sua constituição, ou seja, é na atividade humana, no contexto social e nas condições de sua produção que se configura enquanto gênero discursivo. Acerca de tal entendimento, cabe resgatar a colocação de Bakhtin,

> A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p. 279)

Para Bakhtin, de acordo com Faraco (2009), os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados que se elaboram no interior de cada esfera da atividade humana. Ao dizer que os gêneros são relativamente estáveis, Bakhtin está dando ênfase, de um lado, à historicidade dos gêneros e, de outro, à necessária imprecisão de suas características e fronteiras, considerando o tempo, espaço e

interlocutores envolvidos com a produção dos mesmos (FARACO, 2009).

Dessa forma, a variedade e a infinitude dos gêneros deve-se à diversidade de atividades humanas e de esferas de circulação dos discursos existentes e, sobretudo, ao caráter de complexificação de cada esfera. Assim, à medida que um certo domínio discursivo se desenvolve vão surgindo novos gêneros que se constituem e se estabilizam historicamente, em um processo ininterrupto. Gêneros discursivos são meios de apreensão e inserção na realidade a qual, por vezes, os altera e pode ainda, implicar na construção de novos gêneros.

Enfim, as constantes mudanças que ocorrem no mundo e, portanto, nos modos de organização social e nas experiências humanas são engendradas e implicam em novos modos de “dizer”, razão pela qual os gêneros discursivos, historicamente, diferenciam-se, alteram-se, desaparecem e se renovam (FIORIN, 2006).

Para Bakhtin (1998) o que importa verdadeiramente é a compreensão do processo de emergência e de estabilização dos gêneros, ou seja, a íntima vinculação do gênero com uma esfera de atividade humana. Assim, Fiorin (2006) explicita que não importa, ao estudar um texto, caracterizar apenas sua composição e estruturação; o que é preciso é entender porque o enunciado do texto foi assim construído, quais os elementos (condições especificas e finalidades) da esfera da atividade que levaram ao seu surgimento.

Esses enunciados, relativamente estáveis, marcados por aspectos sociais, históricos e temporais, assim o são por refletirem as finalidades e condições específicas de cada instituição e formas de relações que se estabelecem na e a partir da mesma. Embora as formas de organização social e os gêneros discursivos sejam dinâmicos, interessa analisar três aspectos que neles são relativamente estáveis:

a) conteúdo temático: o tema não é fixado, mas dinâmico, o que se distingue de assunto, o que o define como designação dos sentidos nascidos da interação dialógica, os verdadeiros sentidos da linguagem humana.

A partir de uma concepção de linguagem que privilegia a interação, o querer dizer dos interlocutores delimita conteúdos temáticos relacionados ao que se denomina como contexto de produção, isto é, condições concretas em que o discurso se realiza. O tema, enfim, sobre o que se fala está determinado a partir das particularidades e das

diferentes histórias socioculturais relacionadas a quem produziu, para quem, por que, quando, em que suporte, para qual veículo.

b) construção composicional: estrutura textual-formal propriamente dita que, em alguns gêneros, segundo Bakhtin (1997), pode ser mais padronizada, tais como nos documentos oficiais, ou menos como nos discursos produzidos em contextos e esferas intimas.

c) estilo: contempla questões individuais de seleção em relação ao vocabulário, às estruturas frasais, às preferências gramaticais. De qualquer forma, Bakthin (1997) chama atenção para o fato de que os gêneros não permitem, igualmente, tais escolhas, considerando os seus contextos de produção. Nesse sentido, o autor aponta como, por exemplo, gêneros literários são mais propícios para manifestações particulares e subjetivas, enquanto discursos próprios à esfera do direito são produzidos de forma mais padronizada.

A articulação dos aspectos acima referidos, conforme explicitada, está condicionada às suas condições de produção, ou seja, de acordo com Cagliari (2012) a produção de um texto escrito envolve questões específicas de estruturação do discurso, de coesão textual, tempos verbais, mecanismo enunciativo, ortografia, de argumentação, de organização das ideias e escolha das palavras, bem como, de intenção, ou seja, efeito de sentido que pretende provocar nos interlocutores envolvidos.

Escrever um bilhete é diferente de escrever uma carta, uma notícia, uma propaganda, um relato de uma viagem ou uma declaração de amor, isso porque a escrita de tais textos se diferencia considerando quem escreve, para quem, em que tempo e espaço histórico. O reconhecimento dos aspectos que participam da produção do discurso, sejam eles próprios à interação imediata estabelecida entre os interlocutores, sejam eles relativos a contextos mais amplos e públicos, permite, então, compreender que o discurso não se constitui apenas a partir de um determinado sistema ou de uma determinada estrutura e tipologia textual.

Feitas as considerações relativas, em especial, à dimensão discursiva da linguagem escrita, interessa abordar aspectos pertinentes ao que denominamos como dimensão textual. Esta diz respeito a uma determinada organização do discurso que

envolve a coerência e a coesão como resultado de uma produção realizada pelos interlocutores. Enquanto manifestação da linguagem, aspectos textuais não são estabelecidos *apriori,* mas construídos ao longo da produção, levando-se em conta os recursos coesivos que aparecem na superfície textual e que constituem as pistas que levarão o leitor à construção do sentido.

O sentido do texto se constrói na interação estabelecida entre o próprio texto e os sujeitos envolvidos na relação dialógica, sendo assim, a coerência e a coesão não são propriedades inerentes ao texto, mas são frutos de uma interpretação que se constitui dialogicamente (KOCH, 1996; 2003).

A estruturação lógico-semântica de um texto, isto é, o modo como os enunciados são ordenados e articulados faz com que, numa situação discursiva, palavras e frases componham um todo significativo para os interlocutores (MAGALHÃES, 2005).

Embora a coesão não seja garantia para a produção de um todo significativo, pois existem sequências linguísticas que sem elementos coesivos tornam-se incoerentes, ela surge como manifestação de coerência no processo de produção e interpretação de elementos textuais. Desta forma, ambas podem ser entendidas como duas faces do mesmo fenômeno: a coerência vincula-se à coesão, que assinala continuidade entre as diferentes sequências textuais (KOCH, 1996).

Ainda em relação à coesão e coerência, convém enfatizar que a coesão não é a condição necessária nem suficiente da coerência. As marcas de coesão encontram-se no texto, enquanto a coerência não se encontra no texto, mas constrói-se a partir dele, em dada situação comunicativa, com base nos fatores textuais e extra-textuais (KOCH, 2003).

Discorremos até aqui sobre aspectos que envolvem a dimensão discursiva e textual e, por fim, passaremos a tratar da dimensão normativa enfatizando questões relativas à ortografia. Tal ênfase deve-se ao fato das manifestações ortográficas fora do padrão terem sido apontadas e priorizadas, pelo participante do estudo de caso analisado no artigo II, como um dos principais problemas de escrita a ser superado.

Dentre os aspectos normativos da linguagem escrita, também denominados como notacionais, interessa aprofundar a análise em relação à apropriação do sistema

alfabético da língua portuguesa. Tal processo requer um trabalho sistematizado com o alfabeto e com o manuseio sintético e analítico de palavras, sentenças e textos; não se trata de apenas adquirir o sistema da escrita e sim aprender a agir de forma reflexiva sobre ele (FARACO, 2012).

De acordo com Geraldi (2013), dentre os diversos aspectos que compõe a apropriação dos aspectos estruturais e normativos da língua, ou seja, sintático, morfológico, fonológico, também o ortográfico deve ser considerado como fruto de uma complexa análise linguística, a qual envolve tanto a compreensão da sua realidade histórica, quanto social.

A escrita ortográfica segue, conforme Massini-Cagliari (2001), uma convenção que estabelece uma única maneira de grafar as palavras como padrão. A ortografia torna-se em determinadas produções escritas, inflexível, uma vez que nessas há exigência de seguir a norma, por exemplo na produção de gêneros que tem uma circulação pública, como é o caso dos denominados gêneros acadêmicos. Enfim, dependendo para quem, por quem e com que finalidade o texto foi produzido, haverá maior ou menor exigência em relação ao domínio e ao cumprimento da ortografia.

O processo de apropriação da linguagem escrita pressupõe essa análise e o entendimento de que, dependendo do gênero e das experiências humanas que o texto vai mediar o conhecimento acerca da ortografia terá maior ou menor importância e efeito.

É preciso esclarecer que os autores aqui citados vão na contramão de concepções monológicas que compreendem a escrita meramente como representação, expressão e espelho da fala, e ainda, questionam a busca de uma relação unívoca entre sons e letras que limita a apropriação da ortografia. O que se compreende por esse viés é que a escrita é “[...] produto de uma atividade discursiva”, trabalho discursivo e, portanto, social e histórico.

Quanto à relação entre as letras e os sons da fala, Cagliari (2012) afirma que “é uma ilusão pensar que a escrita é um espelho da fala. A única forma da escrita que retrata a fala, de maneira a correlacionar univocamente letra e som, é a transcrição fonética” (CAGLIARI, 2012, p. 101).

Nessa direção, Faraco (2012) e Cagliari (1997) apontam que a correspondência

fonema-grafema não é unívoca e, portando, a escrita não deve ser considerada como uma simples representação da fala. Essa visão de relação de dependência entre as duas modalidades de linguagem pode ser justificada pelo fato de a língua portuguesa, como esclarece Faraco (2012), ter uma representação gráfica alfabética com memória etimológica. Por representação alfabética entende-se que a escrita é produzida a partir de unidades gráficas (letras) que representam unidades sonoras (vogais e consoantes). Por outro lado, a memória etimológica, segundo o autor, "[...] significa dizer que ele <sistema gráfico> toma como critério para fixar a forma gráfica de certas palavras não apenas unidades sonoras que a compõem, mas também sua origem" (FARACO, 2012, p. 122).

Ainda que relevante a correspondência entre unidades sonoras (fonemas) e as representações gráficas (grafemas), Faraco (2012) adverte que existem inúmeros casos em que a relação som/letra é arbitrária, pois, por mais que existam situações nas quais a unidade gráfica representa apenas uma unidade sonora, e esta unidade sonora representa apenas uma unidade gráfica, como é o caso do /p/, /b/ e /f/, muitas são as relações arbitrárias. Em casos de tais relações, podem ocorrer duas situações, a saber: a) uma unidade sonora pode ter mais de uma representação gráfica (como do fonema /ʃ/ que pode ser representado pelas letras x ou ch); b) uma unidade gráfica pode ter mais de um valor no sistema, representando outras unidades sonoras, como por exemplo, no caso da letra r, que pode representar tanto o fonema /r̄/ (forte) quanto /r/ (fraco).

Para fechamento desse item, reiteramos o fato de que a linguagem escrita, embasada nos princípios e fundamentos da perspectiva sócio-história, não é considerada como representação da fala, tampouco como um código e/ou instrumento cuja função é comunicar e/ou expressar pensamentos, sentimentos, conhecimentos, etc, mas uma modalidade de linguagem, uma prática social a partir da qual os sujeitos interagem, se constituem e produzem a vida em uma sociedade letrada.

1.3 ATUAÇÃO FONOAUDIÓLOGICA VOLTADA À LINGUAGEM ESCRITA A PARTIR DA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

Para dar andamento à explicitação dos fundamentos que nortearam esse estudo, passaremos a analisar como os pressupostos anteriormente apresentados vêm subsidiando a clínica fonoaudiológica voltada à linguagem escrita e, portanto, as contribuições dos mesmos nos processos de apropriação e uso dessa modalidade de linguagem.

Estudos que vêm sendo realizados, de forma mais recorrente, nos últimos 20 anos, apontam que a atuação fonoaudiológica, seja direcionada ao contexto clínico, seja ao educacional, quando embasada na perspectiva sócio-histórica pode ampliar as possibilidades dos sujeitos, fortemente marcados pelo estatuto da incapacidade/ incompetência e ressignificar histórias negativas e de sofrimento vividas e mediadas pela linguagem escrita (SIGNOR, 2013; BERBERIAN, 2003; MASSI, 2007; GIROTO, 2007).

Tais possibilidades decorrem do fato de que tal perspectiva propõe a revisão das dicotomias estabelecidas entre o individual e coletivo, singular e social, o que pressupõe por parte do fonoaudiólogo o compromisso de abordar a singularidade dos sujeitos a partir da articulação que a mesma estabelece com diferentes histórias de vida, enfim, de apreender ponto(s) em que a história de cada um ecoa a história de um grupo, de um tempo, desvelando aspectos culturais, econômicos e políticos em razão dos quais essas histórias foram e estão inscritas (BERBERIAN, MASSI 2007).

Nessa direção, a atuação do fonoaudiólogo deve abordar os modos como os sujeitos lêem e escrevem de forma dialética considerando as condições sociais, culturais, econômicas, educacionais, dentre outras, ou seja, apreendê-los, concebendo o sujeito na sua totalidade. Para isso, é preciso aderir à uma clínica verdadeiramente terapêutica, na qual o sujeito e sua história, individual e social, sejam considerados até as últimas consequências (BERBERIAN, MASSI 2007). Assim, no decorrer de um processo terapêutico fonoaudiológico, terapeuta e paciente constroem uma cadeia singular de comunicação que, por sua vez, encontra-se inserida na cadeia de

comunicação verbal da sociedade em que vivem (MASSINI, 2007).

Concebendo o fonoaudiólogo como um dos possíveis mediadores do processo de apropriação da linguagem escrita, Berberian (2002) afirma que toda e qualquer enunciação se origina na “situação social imediata”, assim, entende-se que tal processo se realiza conforme a qualidade e natureza das relações sociais intermediadas por essa modalidade de linguagem. São nessas relações estabelecidas entre diferentes interlocutores que se constituem as formas de operar, agir e pensar sobre a linguagem escrita. A autora considera, ainda, que a qualidade das referidas relações dependerá das condições de vida materiais e subjetivas vivenciadas pelos sujeitos e, portanto, não dependem de capacidades, características e/ou habilidades individuais (BERBERIAN, 2006; 2013)

Santana (2001), ancorada na perspectiva sócio-histórica, acredita que a base do trabalho fonoaudiológico deve ser a interação, o diálogo. Nesse contexto, o diálogo se torna o momento de construção da linguagem do sujeito, ou seja, a oportunidade na qual ele pode construir suas hipóteses sobre a língua escrita, assumindo aos poucos, seu papel de sujeito na/da linguagem.

No que concerne aos contextos escolares e familiares, para Giroto e Omote (2007), o “trabalho em grupo e a atuação fonoaudilógica com linguagem escrita em escolas” devem ser entendidos como espaços favorecedores da apropriação da mesma, considerando o estabelecimento de relações significativas mediadas pela escrita instauradas nesses contextos. Para tais autores, coerentemente à perspectiva sócio-histórica, a linguagem é uma prática social que se realiza a partir de processos dialógicos inter e intra discursivos, perpassados pelas condições de uso dessa modalidade de linguagem, determinadas, por sua vez por idiossincrasias envolvidas com os contextos sócio-histórico e ideológicos que se constituem.

Compreende-se que a clínica fonoaudiológica, também, é espaço onde se pode mediar a apropriação da linguagem. Assim, nas terapias, em grupo ou individuais, cabe ao fonoaudiólogo preparar o espaço e reconhecer o caminho que deve trilhar com o sujeito tomado como portador de dificuldade da linguagem escrita, considerando sua subjetividade, para que este possa se apropriar da escrita, quando os demais contextos (família, amigos e escola), nos quais o sujeito esteve inserido, não contribuíram para

esse processo. O fonoaudiólogo, então, ao se posicionar frente a uma perspectiva teórica em suas ações terapêuticas, assume uma posição que implica diretamente em como se concebe os processos de apropriação da linguagem.

Assim, o fonoaudiólogo que se pauta na perspectiva sócio-histórica, em seu espaço clínico, assume o compromisso de compreender a história do sujeito, as interações e experiências vividas nos diferentes contextos e os modos como nesses são estabelecidas suas relações e percursos com a escrita, bem como contribuir para que o mesmo reconheça sua condição de sujeito da linguagem que aprende, ensina e, com isso, se desenvolve (SIGNOR, 2012).

> Em situação terapêutica, o profissional tem a função de ressignificar relações de sofrimento dos sujeitos com a linguagem e com a própria condição de capacidade linguística. Para isso, é necessário conhecer as interações às quais esses sujeitos estão submetidos, para, a partir de um paradigma enunciativo, agir na ressignificação da *queixa*. Assim, a construção de novos sentidos nas vivências mediadas pela língua escrita conduz ao redimensionamento de uma autoestima muitas vezes comprometida pelo estigma da "dificuldade" de leitura e escrita; é nesse ponto que o trabalho empreendido ultrapassa o campo "pedagógico" e se torna *terapêutico* (fonoaudiológico) (SIGNOR, p. 589, 2012).

No que se refere à apropriação da linguagem escrita, a partir dessa perspectiva, Massi (2007) afirma que tal processo não se dá de forma passiva por parte do sujeito, uma vez que depende de atividades de reflexão e análise (do paciente e do terapeuta) – com, sobre e da linguagem; contrariando a noção do suposto erro como manifestação sintomática de um distúrbio de aprendizagem e revelando a atuação do aprendiz com e sobre a escrita que está sendo construída.

Quanto aos modos como a clínica fonoaudiológica vem abordando a apropriação do sistema alfabético da língua portuguesa com base na perspectiva nesse estudo adotada, importa mencionar como grupos de fonoaudiólogos vêm contribuindo para o entendimento das distinções e proximidades existentes entre as modalidades oral e escrita.

Acerca de tal aspecto e, mais especificamente, em relação à apropriação da ortografia, Massi (2007) ressalta que a relação entre as letras e os sons da fala sempre é muito complexa pelo fato de a escrita não ser o espelho da fala. O ato de escrever, aqui entendido como uma prática social, é um trabalho que tem suas particularidades.

Berberian e Massi (2006), com base em estudos realizados por Faraco (2009) e Cagliari (2012), reiteram o fato de que não há correspondência letra/som e analisam as hipóteses ortográficas realizadas pelos sujeitos que resultam em produções fora do padrão partindo do reconhecimento de que: - uma mesma letra pode ser articulada com base em sons distintos; - um mesmo som pode ser grafado por diferentes letras; - letras que não têm som nenhum na fala mas que estão presentes na escrita; - a possibilidade de muitas palavras serem pronunciadas de maneiras distintas (em função de variedades linguísticas regionais, interacionais, estilísticas etc.); - o fato de que no português as letras poderem apresentar ou não um uso alfabético, assumindo, nesse último caso, um valor silábico.

Conforme Santana (2001), fonoaudióloga comprometida com práticas clínicas voltadas à linguagem escrita, o sujeito ao fazer uso dessa modalidade de linguagem passa a desenvolver análises e hipóteses sobre a ortografia e é dessa forma que a apropriação da norma da língua portuguesa vai se dar.

Diante desses pressupostos, pode-se afirmar que falada ou escrita, a língua produz e reproduz as formas de organização da sociedade e, deste modo, ambas as modalidades de linguagem estão permanentemente imbricadas, havendo diferentes níveis de relação entre oralidade e escrita, as quais devem ser compreendidas como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais. Berberian, Massi e Mori-de Angelis (2006, p.27) afirmam que:

> [...] a linguagem escrita não é, no entanto, necessariamente um processo artificial e secundário em relação à linguagem oral, como sustentam os muitos modelos teóricos que apostam na precedência da oralidade em relação a escrita. Para aquelas crianças cujo perfil de letramento permitiu o contato precoce com a leitura, a escrita, e a fala letrada, “aprender” a ler e a escrever é tão comum quanto “aprender a falar e ouvir.

Destaca-se que o conceito de letramento, pelo viés sócio-histórico, vem sendo adotado para subsidiar práticas terapêuticas fonoaudiológicas voltadas à linguagem

escrita por parte de um grupo de fonoaudiólogas. Isso porque o letramento é concebido como práticas de leitura e escrita efetivas com objetivos diversos: informar, interagir com o outro, fazer uma declaração, contar uma história, ampliar conhecimentos, orientar-se, divertir, entre outros. Como são variadas as práticas sociais que demandam o uso da leitura e da escrita, também, são variados os aspectos, os conhecimentos e atitudes necessárias para o exercício dessas práticas. Como destaca Guarinello et al (2014), letramento é então

> [...] o exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita, envolvendo o ato de ler e escrever para cumprir objetivos sociais diversos, ou seja, com o papel de informar, contar histórias, elaborar um requerimento, divertir, orientar, disseminar conhecimentos, entre outros. Ao passo que, alfabetização é o domínio da tecnologia para ler e escrever. Em outras palavras, alfabetização é o processo pelo qual se adquire o código escrito fazendo relações entre letras e sons, aprendendo a forma que se escreve

Entendendo que no processo da construção da linguagem escrita há espaço para o sujeito agir sobre e com a linguagem, para ele tentar, perguntar, refletir, lançar hipótese que nem sempre coincide com a convenção, entende-se que “erros” e “inadequações” são indícios de reflexões e análises (MASSI, 2007). Posto isso, ressalta-se a importância e o cuidado para com os procedimentos avaliativos.

Tradicional e hegemonicamente, avaliar implica medir, mensurar o quanto o indivíduo se aproxima ou se afasta do que é considerado ‘normal’, ‘ideal’. Contrária à essa posição, Santana (2001) enfatiza o fato de que a abordagem utilizada para analisar a linguagem é tão importante quanto os procedimentos utilizados.

Com base na perspectiva sócio-histórica, Signor et al (2018), consideram que a linguagem do sujeito e sua aprendizagem devem estar fundamentadas em processos de avaliação da linguagem que abordem, além das questões linguístico discursivas, aspectos subjetivos, culturais, vivenciais, interacionais, afetivos e educacionais envolvidos.

De acordo com Santana (2001), a linguagem escrita deve ser avaliada e abordada terapeuticamente a partir de/em atividades significativas de leitura e escrita, ou seja, que levem em conta o interesse e particularidades da vida dos sujeitos.

Feitas as considerações acerca de princípios que fundamentam a perspectiva sócio-histórica e do modo como, com base nessa, diferentes dimensões da escrita e abordagens clínicas fonoaudiológicas vêm sendo pensadas, cabe explicitar questões que nortearam a elaboração dos artigos dessa dissertação:

1- Quais contribuições vêm sendo sistematizadas e divulgadas em parte da produção do conhecimento fonoaudiológico que tem o objetivo de analisar os estudos de casos voltados à linguagem escrita fundamentado na perspectiva sócio- histórica?

2- Como a clínica fonoaudiológica pode contribuir com a superação de barreiras enfrentadas por um número significativo de alunos que, ao ingressarem no ES, não correspondem às expectativas da academia, de forma que evadem ou vivem um processo de sofrimento considerando suas condições restritas de leitura e escrita?

2 ARTIGO I

Estudos fonoaudiológicos voltados à linguagem escrita com base na perspectiva sócio-histórica: revisão integrativa

RESUMO

Objetivou-se neste estudo analisar a produção do conhecimento publicada em revistas da área fonoaudiológica, no período de 2013 a 2017, em forma de estudos de caso que enfocam a linguagem escrita e que estão fundamentados na perspectiva sócio-histórica. Trata-se de uma revisão integrativa, a partir de uma busca nas revistas da área da Fonoaudiologia: ACR, CoDAS, Cefac e DIC. Pôde-se verificar nesta revisão que 17% (353) dos artigos foram produzidos como estudos de caso e, dentre esses, 7% (25) versavam sobre a linguagem escrita, dos quais, 26% (7) estavam assentados na perspectiva sócio-histórica. Nos sete artigos encontrados, pôde-se compreender que os participantes das pesquisas publicadas variaram de 1 a 10 sujeitos em diferentes momentos do curso da vida. Os estudos ocorreram em contexto acadêmico e as ações realizadas com esses sujeitos foram terapia em grupo, individual e oficina. Foi possível constatar que, a partir das terapias e oficinas fonoaudiológicas, conduzidas sob uma ótica dialógica, os participantes da pesquisa passaram a conceber a linguagem escrita como atividade significativa, assumindo-se como leitores, escritores e falantes, ampliando sua compreensão das diferentes modalidades da linguagem.

Palavras-chave: Revisão integrativa; Fonoaudiologia; Linguagem Escrita.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the production of knowledge published in journals in the speech-language area, from 2013 to 2017, in the form of case studies that focus on written language and are based on socio-historical perspective. This is an integrative review, based on a search in the journals of the Speech-Language Pathology area: ACR, CoDAS, Cefac and DIC. In this review, 17% (353) of the articles were produced as case studies and 7% (25) of the articles were written, 26% (7) of which were based on a socio- historical. In the seven articles found, it was possible to understand that the participants of the published research varied from 1 to 10 subjects at different moments of the course of life. The studies occurred in an academic context

and the actions performed with these subjects were group, individual and workshop therapy. It was possible to verify that, from the speech therapies and workshops, conducted under a dialogic perspective, the participants of the research began to conceive written language as a significant activity, assuming themselves as readers, writers and speakers, expanding their understanding of the different modalities of language.

Keyword: review; Speech therapy; Written language

INTRODUÇÃO

As pesquisas e as produções acadêmicas fonoaudiológicas, no campo da linguagem escrita, são desenvolvidas a partir de diferentes perspectivas teóricas. Neste sentido, evidenciam uma pluralidade conceitual fundamentando abordagens envolvidas tanto na formação acadêmico-profissional, como no desenvolvimento de práticas clínicas [(1)].

Dentre essas perspectivas encontra-se a denominada sócio-histórica, a qual orienta a pesquisa aqui apresentada. A partir desta, a linguagem é concebida como uma prática social constitutiva e constituída nos e pelos sujeitos em função das relações dialógicas que estabelecem [(2)]. Tal prática consiste num trabalho que promove a construção e (re) organização contínua da história e das experiências de cada sujeito, enquanto autor de uma vida singular e coletiva, por meio das interações estabelecidas entre ele e os outros [(3)].

É importante destacar que a concepção social da linguagem vem ganhando espaço, historicamente, na produção de conhecimentos e de práticas desenvolvidas em diferentes áreas do saber com as quais a Fonoaudiologia estabelece relações interdisciplinares e que exercem impacto na sistematização de seus conhecimentos teórico-práticos voltados aos processos de apropriação da linguagem escrita. Dentre essas áreas, vale ressaltar que a perspectiva sócio-histórica fundamenta as políticas públicas nacionais de Educação, que, foram instituídas nas últimas décadas, embasando o processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa em suas modalidades oral e escrita [(4)].

Na área da Fonoaudiologia pode-se, também, perceber a contribuição, ainda

que não predominante, dessa perspectiva. Estudo [5] realizado com o objetivo de analisar quais as perspectivas teóricas que permeiam a produção do conhecimento da Fonoaudiologia acerca da temática linguagem escrita publicada em periódicos nacionais, entre os anos de 2010 e 2015, demonstrou que, nesse período, 14% dos artigos publicados concebiam a escrita como constitutiva do sujeito e 70% como código e instrumento de comunicação.

Apesar de a perspectiva sócio-histórica não ser predominante na produção do conhecimento fonoaudiológico, pesquisas [6,7] apontam suas contribuições para atividades fonoaudiológicas. Nessas pesquisas as experiências vivenciadas pelo sujeito nos diferentes contextos e sua historicidade são priorizadas. Nessa medida, o sujeito e as suas condições de linguagem são abordados em sua totalidade uma vez que os autores de tais estudos buscam estabelecer articulações entre aspectos sociais e singulares que participam da constituição dos sujeitos enquanto falantes, leitores e escritores.

Dentre essas contribuições, ressalta-se que os princípios que sustentam essa perspectiva possibilitam ao sujeito, frente às práticas de leitura e escrita, sair de uma posição de incapacidade para ocupar o lugar de autoria; bem como, avançar na apropriação dessa modalidade de linguagem em relação aos aspectos discursivos, textuais e normativos [6].

A perspectiva sócio-histórica contribui [7], ainda, para a ressignificação da queixa do sujeito, contrapondo a visão de um problema individual e inerente ao mesmo para uma condição que é construída coletiva e historicamente. A partir do entendimento de que o particular é uma instância do coletivo e de que a linguagem é a forma pela qual o homem se apropria e age no mundo, é possível compreender que a apropriação da linguagem escrita está relacionada às experiências estabelecidas com e a partir dessa modalidade e, em especial, com aquelas vivenciadas nos contextos escolar e familiar. Enfim, parte-se do pressuposto de que a partir da linguagem o sujeito interage e reelabora elementos e aspectos que caracterizam os diferentes contextos sociais em que está inserido [8,9].

Com base nesses fundamentos, busca-se compreender como, de forma particular e coletiva, o sujeito vivencia seus processos de apropriação da linguagem

escrita. Ao considerar que toda e qualquer produção da linguagem escrita se realiza numa situação social circunscrita num tempo e num espaço delimitado, os processos de apropriação da escrita são analisados a partir da qualidade e da natureza das relações sociais mediadas por essa modalidade de linguagem. É na história particular e coletiva com as relações estabelecidas entre diferentes interlocutores, que se constituem as formas de operar, agir e pensar sobre a linguagem escrita [10].

Além disso, entende-se que pesquisas comprometidas com a análise do conhecimento permitem o acesso da comunidade acadêmica a um maior número de artigos envolvidos com temáticas diversificadas, o que, por sua vez, pode ampliar o interesse por esse tipo de produção como fonte de pesquisa [11].

Em relação aos estudos de caso, que são o foco deste trabalho, pode-se destacar que os mesmos se configuram como uma estratégia metodológica que permite a análise de diferentes realidades e esferas de conhecimento: a da ação, referente à clínica; a da reflexão, relativa à construção teórica; e a do ensino, referente à formação e aprimoramento profissional [12].

Considera-se que pesquisas fonoaudiológicas realizadas por meio de estudo de caso permitem análises cientificamente consistentes, quando realizadas com rigor teórico-metodológico. Destaca-se que, embora esse procedimento não desfrute de tradição na área, como em outros campos clínicos, tais como na psicanálise, na psicologia e na enfermagem, a sua adoção aponta para resultados que podem contribuir com a produção do conhecimento. Isso porque resultados e análises envolvidos com tais estudos contribuem para a produção de conhecimento aprofundado/detalhado de um objeto particular, cumprindo uma função de relevância, a saber: o trânsito entre a ação profissional e a pesquisa [13].

A partir do reconhecimento da relevância dos estudos de caso, especificamente para a área da fonoaudiologia, destaca-se a necessidade da realização dos mesmos com maior recorrência e do avanço na sistematização teórica e metodológica envolvidos com os mesmos [13]

Contudo, ressalta-se que, até o momento, não há registro de publicação cujo objetivo foi analisar a produção de conhecimento da área fonoaudiológica enfocando, especificamente, os estudos de caso.

Nessa direção, esta pesquisa objetiva analisar a produção do conhecimento publicada em revistas da área fonoaudiológica, no período de 2013 a 2017, em forma de estudos de caso que enfocam a linguagem escrita e que estão fundamentados a partir de princípios pertinentes à perspectiva sócio-histórica.

MÉTODOS

O presente artigo foi realizado com base em uma revisão integrativa a partir de artigos científicos em âmbito Fonoaudiológico que apresentaram como tema central a linguagem escrita, sendo considerados os estudos de casos fundamentados na perspectiva sócio-histórica.

O método de revisão integrativa permite a combinação de estudos com diferentes abordagens metodológicas mantendo o rigor das revisões sistemáticas, e favorecendo a avaliação crítica e a síntese das evidências produzidas acerca do tema investigado [(14)].

Esse artigo versa sobre a produção do conhecimento produzida em forma de estudos de casos voltados à linguagem escrita e para o seu desenvolvimento foi realizada uma revisão integrativa. Cabe destacar que o método para a realização dessa revisão, tem a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um delimitado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento acerca do fenômeno investigado [(14)].

Ressalta-se, ainda, que tal orientação promove maior compreensão dos domínios de investigação que uma dada área vem priorizando, contribuindo para o resgate da memória dos campos de conhecimento, para o planejamento de novos estudos, bem como, para fundamentar práticas e intervenções [(15)].

Para a composição do corpus da pesquisa, inicialmente efetuou-se via online a busca de artigos nas seguintes revistas de circulação nacional, próprias da área fonoaudiológica: Audiology Communication Research (ACR), Communication Disorders Audiology and Swallowing (*CoDAS),* Revista Cefac e Revista Distúrbios da Comunicação (DIC). O que motivou a escolha por essas revistas é o fato das mesmas

estarem em circulação na comunidade científica da área, serem vinculadas a bases de dados cientificamente reconhecidas e, também, o fato de serem plataformas de livre acesso, o que facilita acessar aos artigos.

Tal busca foi realizada partindo da leitura do sumário dos volumes das revistas citadas acima, publicados no período de janeiro de 2013 a dezembro de 2017, tal período foi determinado com o intuito de reunir os artigos mais recentes, seguindo as seguintes etapas:

1- Leitura dos títulos dos artigos para identificação das temáticas abordadas;

2- Seleção dos artigos que abordavam o tema linguagem escrita e leitura de seus resumos;

3- Seleção e leitura na integra dos estudos de caso fundamentados a partir de princípios relativos à perspectiva sócio-histórica.

Abaixo serão apresentadas às variáveis selecionadas para tratamento e análise dos dados.

Variáveis selecionadas:

- Número de participantes: quantidade de sujeitos que fizeram parte dos estudos de caso.
- Faixa etária: idade dos participantes.
- Contexto de produção do estudo: instituição responsável pela pesquisa.
- Procedimentos adotados: terapia individual, terapia grupal, oficina da linguagem.
-Contribuições da abordagem adotada: foram transcritos literalmente trechos apresentados na análise/discussão e/ou conclusão dos estudos de caso que compuseram o corpus dessa pesquisa, considerados como representativos.

Análise dos Dados

Para a análise do *corpus* da pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa foram considerados os seguintes aspectos: 1- distribuição quantitativa dos estudos de caso; 2- variáveis elencadas; 3- contribuições da referida perspectiva no trabalho fonoaudiológico.

Para abordagem quantitativa será estabelecido o percentual dos resultados em torno do primeiro e segundo aspectos. A análise das contribuições será realizada a partir da análise de conteúdo, que abrange um conjunto de técnicas de análise da comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo dos enunciados, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção destes enunciados [9].

RESULTADOS

No fluxograma abaixo pode-se visualizar a distribuição da totalidade dos artigos publicados nas revistas consultadas; dentre esses, aqueles estudos de caso que abordavam a linguagem escrita e os que estavam fundamentados na perspectiva sócio-histórica e que, portanto, compõe o *corpus* de análise do presente estudo.

Fluxograma 1: Distribuição de estudos de caso publicados nas revistas de Fonoaudiologia no período de 2013 a 2017

BUSCA DE DADOS

ARTIGOS TOTAIS

CoDAS	ACR	Cefac	DIC	TOTAL
475	238	847	403	1963

ESTUDOS DE CASO

CoDAS	ACR	Cefac	DIC	TOTAL
18	7	82	246	353

ESTUDOS DE CASO QUE ABORDAM A LINGUAGEM ESCRITA

CoDAS	ACR	Cefac	DIC	TOTAL
4	0	5	16	25

ESTUDOS DE CASO QUE ABORDAM A LINGUAGEM ESCRITA A PARTIR DA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

CoDAS	ACR	Cefac	DIC
2	0	3	2

TOTAL DE ARTIGOS ENCONTRADOS
7

A partir dos dados apresentados, pôde-se verificar que 17,9% (353) dos artigos foram produzidos como estudos de caso e, dentre esses, 7% (25) versam sobre a linguagem escrita e desses, 26,9% (7) estão assentados na perspectiva sócio-histórica.

Para identificação dos sete estudos de caso que compõe o *corpus* de análise foi utilizada a letra A, acompanhada dos números de 1 a 7, conforme demonstrado no Quadro 1, no qual são apresentados os títulos dos artigos, bem como, as revistas, os anos em que foram publicados e os objetivos reproduzidos literalmente do corpo do texto.

Quadro 1: Título do artigo, revista, ano que foi publicado e objetivo do artigo

ARTIGO	TÍTULO	REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	OBJETIVO
A1	Trabalho com a linguagem e envelhecimento: uma busca por ressignificação de histórias de vida	CEFAC	2014	Descrever as vivencias de idosos participantes de uma oficina da linguagem;
A2	A retextualização como prática nas terapias fonoaudiológicas com sujeitos surdos	CEFAC	2014	Discutir o processo de retextualização usado como prática nas terapias fonoaudiológicas em grupo, como um meio desses sujeitos se apropriarem da língua portuguesa em sua modalidade escrita.
A3	Linguagem e envelhecimento: práticas de escrita autobiográfica junto a idosos	CEFAC	2015	Analisar os efeitos que práticas de escrita autobiográfica desenvolvidas por sujeitos idosos podem gerar em sua autonomia e bem-estar.
A4	Clínica fonoaudiológica bilíngue, uma proposta terapêutica para surdos com a língua escrita: estudo de caso	CoDAS	2015	Analisar produções escritas de um sujeito surdo em processo de apropriação da escrita.
A5	O trabalho fonoaudiológico em uma clínica dialógica bilíngue: estudo	CoDAS	2016	Discutir a inserção da língua brasileira de sinais como primeira língua de um sujeito surdo.

	de caso			
A6	Crianças diagnosticadas com Síndrome de Irlen: analise de produções escritas	DIC	2017	Analisar textos produzidos por um sujeito de 10 anos, diagnosticado com Síndrome de Irlen.
A7	A outra face do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade	DIC	2015	Realizar uma discussão em torno de visões sobre o chamado TDAH e suas possíveis implicações para os processos de apropriação da linguagem escrita por escolares.

Na tabela abaixo, são apresentados os resultados encontrados, considerando as seguintes variáveis: quantidade e faixa etária dos participantes, local de desenvolvimento da pesquisa e procedimento adotado.

Tabela 1- Distribuição do corpus a partir das variáveis

ARTIGO	Nº DE PARTICIPANTES	FAIXA ETARIA DOS PARTICIPANTES (ANOS)	LOCAL DE DESENVOLVIMENTO	PROCEDIMENTO
A1	10	60 -86	Universidade	Oficina de Linguagem
A2	8	14- 23	Universidade	Terapia grupal
A3	8	60- 87	Universidade	Oficina de Linguagem
A4	1	14	Universidade/ Clínica escola	Terapia Individual
A5	1	11	Universidade/ Clínica escola	Terapia Individual
A6	1	10	Universidade/ Clínica escola	Terapia Individual
A7	1	10	Universidade/ Clínica escola	Terapia grupal

No Quadro 2 são apresentadas as contribuições da perspectiva sócio-histórica em relação aos diferentes aspectos que incidem sob os estudos de caso, objeto desse estudo, organizadas a partir de três eixos temáticos:

1- Posição do sujeito frente às suas condições como leitor e escritor, bem como, acerca de suas concepções de linguagem escrita;
2- Relações estabelecidas entre diferentes modalidades de linguagem;
3- Abordagens fonoaudiológicas avaliativas e terapêuticas voltadas à linguagem;

Ressalta-se que as colunas preenchidas em cinza demonstram que o artigo correspondente contemplou o eixo temático descrito.

Quadro 2: Artigos que contemplaram os eixos temáticos

EIXO TEMÁTICO	ARTIGO						
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7
1 Posição do sujeito frente suas condições como leitor e escritor, bem como, acerca de suas concepções de linguagem escrita							
2 Relações estabelecidas entre diferentes modalidades de linguagem							
3 Abordagens fonoaudiológicas avaliativas e terapêuticas voltadas à linguagem							

Abaixo, no Quadro 3, apresentam-se trechos reproduzidos literalmente do *corpus* analisado que evidenciam as contribuições da perspectiva sócio-histórica nos artigos a partir dos três eixos temáticos.

Quadro 3: Contribuições da abordagem sócio- histórica

ARTIGO	EIXO TEMÁTICO	TRECHO
A1	1	“Eu sempre tive um sonho íntimo e pessoal de escrever. Quando eu cheguei aqui (oficina) e vi eu não era só conversar, mas sim escrever, eu me realizei. Foi algo que veio de encontro a coisas que já tinha também” (p.675)
	2	“A Oficina da Linguagem, no meu ponto, é você, o seu pensamento você trás para o seu linguajar, e aí você transfere para o papel porque o linguajar pode ser esquecido e a escrita jamais. (p.675)
A2	1	“Eles assumiram a posição de autores, manifestando disposição para elaborar [...] suas produções escritas” (p.1688)
	2	“Foi possível transformar os textos a aproximá-los do português padrão escrito, assim cada surdo do grupo de acordo com suas possibilidades pode comparar e visualizar as semelhanças e diferenças entre a língua de sinais e a língua portuguesa” (p.1686)
	3	“Antes da retextualização houve uma proposta de produção textual conjunta por meio de atividades significativas. Neste processo, foi possível analisar linguisticamente as produções textuais, evidenciar o papel do outro na construção textual” (p. 1688)
A3	1	“Fiquei mais jovem com a escrita deste livro, cabeça mais arejada na maneira de pensar, de agir, ser mais solidário, mais amigo. A escrita possibilita que o jovem que existiu dentro de mim retorne à minha memória agora na velhice” (p. 2068)
	3	“ Dentre as propostas desenvolvidas [...] são utilizados textos para desencadear discussões e diálogos entre os seus participantes. Esses textos são de gêneros discursivos diversos [...] Depois das leituras e discussões dos textos, as atividades da Oficina voltam-se ao incremento de narrativas orais acerca de momentos significativos da vida dos idosos, tais narrativas são registradas por escrito e o trabalho de reescrita dos textos autobiográficos “ (p. 2066)
A4	1	“ [...] R. pode entender a função e o papel social da escrita em sua vida [...] a escrita tornou-se, um espaço a mais de manifestação de sua singularidade, e R passou, então, a reconstruir a história de sua relação com a linguagem” (p. 503)
	2	“ [...] R. passou a fazer uso da escrita com alternâncias e justaposições entre as duas línguas envolvidas: a Língua Portuguesa e a língua de sinais” (p. 503)
	3	“ [...] em uma clinica bilíngue foi dado ênfase ao trabalho com a escrita partindo do conhecimento que R já possuía da língua de sinais [...] e para trabalhar a natureza interativa da linguagem utilizaram-se diferentes gêneros discursivos” (p. 504)

A5	1	“Pôde-se perceber que N passou a completar e iniciar turnos conversacionais por meio do uso efetivo de uma língua, permitindo que ele se constituísse sujeito autor de seus textos [...]” (p. 660)
	2	“[...] N foi gradativamente se apropriando da língua de sinais e da escrita. Além disso, N percebeu que poderia usar signos linguísticos verbais e não verbais para interagir e dialogar e usava cada signo de acordo com a situação em que se encontrava” (p. 659)
	3	“A relação construída durante os anos de terapia com a mãe permitiu que os terapeutas pudessem, de certa forma, interferir na dinâmica desta família e assim possibilitar algumas mudanças de atitudes, como dos olhares da mãe sobre seu filho, tentando distanciá-la de uma visão ancorada nas dificuldades orgânicas e aproximá-la das reais possibilidades desse sujeito “ (p. 660)
A6	1	“[...] fica evidente que CA não apenas reproduz frases prontas e ideias estabelecidas, mas assume uma posição de autoria dos mesmos. Esse posicionamento, decorrente de conhecimentos vários, aponta para um modo de participação *inter*ativa do sujeito no processo de apropriação da escrita [...]” (p.82)
	3	“A partir da análise acerca dos aspectos notacionais produzidos por CA, pode-se considerar que o mesmo não apresenta sintomas próprios a um distúrbio de leitura e escrita, tão pouco, aos associados à Sindrome de Irlen. Ou seja, embora haja o diagnóstico da síndrome em questão, o que se observa nas produções de CA, são aspectos processuais e singulares de um aprendiz de escrita” (p. 83)
A7	1	“[...] a queixa da escola se traduziu em uma autoestima abalada por parte de J. e em uma relação de sofrimento com a leitura e a escrita que necessitavam ser ressignificadas em um contexto de terapia” (p. 52)
	3	“Compreendemos, entretanto, que a falta de contato de J. com o texto escrito, ou seja, sua história e sua relação com a escrita, fez com que suas produções fossem consideradas “desviantes” do padrão esperado pela escola (razão do encaminhamento)” (p. 52)

DISCUSSÃO

Verificou-se que do total dos artigos publicados, entre os anos de 2013 a 2017, nas quatro revistas investigadas da área da Fonoaudiologia, os artigos produzidos como estudos de caso que versam sobre a linguagem escrita contemplam apenas 7% da produção e desses, 26,9% estão assentados na perspectiva sócio-histórica, o que evidencia que tal produção ainda é pequena quando comparada a outras perspectivas.

Em relação ao número de participantes que compõe os artigos analisados, pôde-se verificar a incidência de no mínimo um sujeito e no máximo dez sujeitos. Tais resultados demonstram que o número reduzido de participantes em uma pesquisa de cunho qualitativo é fator relevante, pois esse tipo de pesquisa procura conceber a particularidade dos sujeitos participantes e sua forma de agir com e no mundo [(14)].

Fundamentadas a partir da perspectiva sócio-histórica, predominantemente, adotada para orientar pesquisas qualitativas, na qual os estudos tendem a envolver um número pequeno de participantes para que se possa contemplar, de forma minuciosa e processual, como o sujeito a partir de sua história particular e social estabelece relações com e a partir da linguagem [(16)].

No que se refere à faixa etária dos participantes dos artigos que compõe o *corpus* desse estudo, verifica-se o envolvimento de sujeitos em diferentes ciclos de vida, desde crianças até idosos, o que demonstra que independentemente da faixa etária do sujeito participante da pesquisa, a perspectiva sócio-histórica pode fundamentar ações voltadas à promoção da linguagem escrita.

Outro ponto que foi observado é o fato de que o desenvolvimento de todas as pesquisas se deu no contexto acadêmico, envolvendo professores e alunos de cursos de graduação em Fonoaudiologia, o que aponta para o fato de que a linguagem escrita está sendo enfocada nesse contexto enquanto objeto de pesquisa, revelando que estudos em torno dessa modalidade de linguagem vêm, embora de forma tímida, ganhando espaço na área [(5)].

Observou-se também que os procedimentos adotados para realização dos estudos de caso analisados foram terapias individuais e grupais, além das oficinas da

linguagem. Tal fato permite inferir que terapias fonoaudiológicas individuais, em grupo ou oficinas possibilitam a emergência de processos favoráveis ao desenvolvimento da linguagem escrita quando conduzidas a partir da perspectiva aqui abordada. Observou-se também que independentemente do tipo de ação, os procedimentos adotados vislumbravam parcerias e relações que viabilizassem uma escuta significativa, de flexibilização de papéis e de posicionamentos em relação à linguagem [17].

A análise das contribuições da perspectiva sócio-histórica foi organizada em três eixos temáticos, conforme demonstrado anteriormente no Quadro 2 e 3. Quanto ao primeiro eixo, posição do sujeito frente às suas condições de leitores e escritores, bem como, acerca de suas concepções de linguagem escrita , ficou evidenciado o quanto as ações fundamentadas em tal perspectiva contribuíram para a ressignificação da posição dos participantes frente suas condições de leitor e escritor, os quais inicialmente sentiam-se incapazes e inseguros quanto à leitura e escrita e, ao longo da intervenção fonoaudiológica, passaram a assumir uma posição de capacidade e de autoria, como evidenciado no trecho extraído do A3, conforme abaixo descrito.

> *"Quando eu imaginava um dia estar em uma sala rodeada por pessoas autografando um livro? às vezes eu pego as fotos da noite de autógrafo, fico olhando e não acredito que sou eu porque eu nunca imaginei que fosse possível chegar a esse momento de ter um instante tão bom, tão gratificante. [...] A escrita da autobiografia é essa coisa de boa na velhice" (A3)*

O estabelecimento de relações significativas com a escrita, também, foi referido pelo participante do estudo de caso do A4, uma vez que o participante, após o trabalho clínico realizado passou a conceber a escrita como "manifestação de sua singularidade" e, portanto, a ressignificar as relações negativas estabelecidas anteriormente com essa modalidade de linguagem.

Mudanças em relação à forma de conceber a escrita e seu processo de produção podem ser apreendidas também no A2. Participantes desse estudo de caso passaram a compreender a escrita como uma modalidade de linguagem e como prática

social. Resistências e medos apresentados no início do processo foram sendo superados, uma vez que a apropriação e produção da escrita foram vivenciadas de forma dinâmica e contínua a partir de práticas de escrita e reescrita adotadas como estratégia terapêutica. Interessa destacar como os participantes passaram a valorizar competências discursivas relativas à escrita, anteriormente, negligenciadas e/ou desconhecidas pois, conforme descrito no A2, se apesar de faltarem aos participantes *"palavras na língua portuguesa, não lhes faltavam o que dizer". (A2)*

O reconhecimento e a ênfase em tais competências aparecem explicitadas, também no A6, no qual, o sujeito do estudo de caso *"passou a operar de forma adequada sobre os aspectos discursivos, uma vez que tais produções evidenciam pertinência em relação à temática, à finalidade, aos interlocutores e ao contexto de circulação do gênero discursivo em questão*". (A6)

Em torno de aspectos pertinentes a visão dos participantes a respeito das relações estabelecidas entre as diferentes modalidades de linguagem, observa-se que a partir do trabalho realizado tais participantes, além de reconhecerem a existência dessas modalidades, passaram a identificar particularidades relativas às diferentes modalidades de linguagem - oral, escrita e gestual, bem como, das articulações entre as mesmas. De acordo com o A5, tal compreensão permitiu aos participantes atribuírem um novo sentido às práticas de linguagem, não mais como mera repetição, mas como espaço para manifestação de sua singularidade. Ressalta-se que ampliar o conhecimento acerca das particularidades da linguagem escrita, do que ela representa, de como esta se articula e se relaciona com as demais modalidades da linguagem representam objetivos dos processos clínicos baseados na perspectiva em questão [17].

Conforme pode ser verificado no A5, o participante da pesquisa, denominado como N., ao longo do processo terapêutico foi, gradativa e concomitantemente, se apropriando da língua de sinais e da escrita enquanto modalidades distintas que *"passaram a ser utilizadas socialmente por N., possibilitando que ele fosse inserido no discurso e passasse a agir sobre o mundo e sobre o outro [...] em todas as terapias fonoaudiológicas houve um processo de construção conjunta dos enunciados, tanto em língua de sinais quanto pela escrita" (A5)*

Ainda nessa direção, de acordo com o A2, foi possível perceber que a prática clínica baseada na retextualização possibilitou que os sujeitos surdos desse estudo pudessem *"perceber algumas diferenças e similaridades entre a língua brasileira de sinais e o português escrito". (A2)*

Também, a partir do A1, pode-se acompanhar que os participantes por meio de suas narrativas evidenciaram o papel que a linguagem escrita exerceu no processo terapêutico, de forma que compreenderam que essa modalidade é distinta da oral, pois *"o linguajar pode ser esquecido e a escrita jamais. O que nos falamos aqui (oficina) chegamos metade em casa esquecemos, mas o que tiver escrito não*" (A1)

Quanto às contribuições que a perspectiva sócio-histórica incide nas abordagens clínicas fonoaudiológicas, pertinentes ao eixo três, conforme elucidado no A6 e A7, uma vez distanciada de uma visão pautada apenas nos aspectos orgânicos, inerentes e individuais, tal perspectiva leva em consideração a "historicidade do sujeito e suas relações com a linguagem" (A7).

A partir dessa perspectiva, o processo terapêutico é conduzido de forma que as produções escritas propostas estejam relacionadas a temáticas e experiências que fazem parte da vida dos sujeitos e que sejam endereçadas a interlocutores reais e, portanto, não sejam utilizadas como pretexto e meramente para atender a função avaliativa. Ao evidenciar que a avaliação da linguagem escrita deve ser conduzida a partir de produções que versem sob temas e experiências de interesse para os sujeitos, no A7 pode-se verificar, ainda, a importância de que o texto produzido pelo sujeito seja "divulgado para outros leitores (além da terapeuta) e que o objetivo da produção textual seja deixar registrado um pouco da sua história". (A7)

Estudos fonoaudiológicos, pautados na referida perspectiva, afirmam que a apropriação da escrita é um processo que implica em idas e vindas, ora caracterizado pelo "saber", ora pelo "não saber" das normas ortográficas. Nesse processo, não linear, nem acumulativo, o sujeito participa ativamente, realizando associações, escolhas e tomadas de decisões [(18)], como demonstrado nas ocorrências ortográficas nas produções propostas ao sujeito do A6 que *"ao se pautar na oralidade, às vezes opta*

por um grafema possível, porém nem sempre convencional. Tal uso é processual e faz parte das instabilidades inerentes à apropriação do sistema normativo da escrita"

Com base no A7, que discorre acerca de como a avaliação da linguagem escrita deve ser conduzida, defende-se a ideia de que o espaço clínico é lugar de escuta, de ressignificação da queixa, de avanço na apropriação da linguagem escrita e desta forma, não deve estar a serviço de reiterar diagnósticos pré-estabelecidos em contextos educacionais e/ou de saúde [7]. De acordo com A7, é objetivo do processo terapêutico *"descontruir a relação de sofrimento da criança com a escrita, com a escola, e, no limite, com o próprio diagnóstico recebido" (A7)*

Em tal artigo pode-se apreender, ainda, um questionamento acerca da adesão, por parte de fonoaudiólogos, da queixa formulada pela escola. Tal questionamento está assentado na ideia, prevalente na perspectiva em questão, de que é necessário conhecer as interações nas quais o sujeito está inserido e tal consideração é de extrema relevância, uma vez que, a depender do olhar dos profissionais, pode-se, por um lado, promover a saúde, ou, por outro, a doença, com todas as implicações para a subjetividade, aprendizagem e desenvolvimento do aprendiz dentro e fora da escola.

> *"Se é por meio das interações sociais que nos constituímos, ou seja, se é pelo discurso do outro sobre nós que construímos nossa autoimagem, a criança, ao ser tomada como alguém que tem dificuldades de leitura, transtornos de atenção, de comportamento e/ ou distúrbios de escrita, acaba incorporando essa visão e acreditando que é alguém com desordens individuais, que a acometem e que dificultam, quando não impedem, que se aproprie da linguagem escrita e se desenvolva nas práticas de leitura e escrita. A grande questão que se coloca, então, não é o diagnóstico em si, mas o sentido que ele representa para o sujeito que o recebe". (A7)*

Cabe ressaltar que os impactos da patologização advinda do processo de discursivização negativa podem ser prejudiciais à formação do aprendiz, que, submetido a interações ineficazes, promovidas por profissionais de saúde e educação, pouco consegue avançar e aprender. De todo modo, sendo menos ou mais afetado, sentimentos de insegurança, de incapacidade – e de infelicidade – vão sendo incorporados pelo aprendiz de tal maneira que começa a se configurar, muitas vezes, um *sintoma* de fato [21].

A análise do *corpus* dessa pesquisa aponta para o fato de que a partir de processos terapêuticos fundamentados na perspectiva sócio-historica os sujeitos que procuram atendimento clínico fonoaudiológico, passam a reconhecer em si possibilidades de:

- ressignificar sua posição frente às suas condições como leitores e escritores, afastando-se de visões que remetem à noção de incapacidade, de deficiência, de distúrbio e/ou patologia, para aproximar-se de visões que ampliem sua consciência acerca de suas capacidades e possibilidades de ocupar um lugar de autoria;
- conceber a escrita enquanto modalidade de linguagem e a partir daí participar ativamente das relações dialógicas mediadas pela mesma;
- ampliar sua compreensão a respeito das particularidades, diferenças e similaridades entre as diferentes modalidades de linguagem;
- avançar no processo de apropriação da linguagem escrita participando ativamente de práticas significativas de leitura e escrita.

COMENTÁRIOS FINAIS

A partir dessa pesquisa pôde-se constatar que há publicações (entre 2013 a 2017) de estudos de caso nas revistas da área da Fonoaudiologia que versam sobre a linguagem escrita assentadas na perspectiva sócio-histórica, ainda que incipientes.

Diante do que foi analisado no presente artigo, pôde-se notar que grande parte dos participantes dos estudos de caso puderam, a partir da teoria prático-metodológica assumida pelo profissional/ pesquisador, ressignificar sua posição frente às condições de leitura e escrita e, desta forma, avançar na apropriação dos diferentes aspectos que constituem essa modalidade de linguagem. A partir das terapias e oficinas, os participantes da pesquisa passaram a conceber a linguagem escrita como atividade dialógica, ampliar a compreensão das diferentes modalidades de linguagem e ocupar uma posição de autoria.

REFERÊNCIAS

1. Sinhorini G, Santana APO, Santos KS, Massi GA. O processo terapêutico nas afasias: implicações da neurolinguística enunciativo – discursiva. Rev. CEFAC vol.18 no.1 São Paulo Jan./Fev. 2016

2. Faraco CA. Linguagem & diálogo. As idéias linguísticas do círculo de Bakhtin. Parábola Editorial: São Paulo, 2013.

3. Guarinello AC, Claudio DP, Festa PSV, Paciornik R. Reflexões sobre as interações lingüísticas entre familiares ouvintes-filhos surdos. Tuiuti: Ciência e Cultura. 2013;46:151-68.

4. Brasil. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC, 2015. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC-APRESENTACAO.pdf>.Acesso em: 1 out. 2015.

5. Farinha S. A produção fonoaudiológica de conhecimentos acerca da linguagem escrita: análise de artigos publicados em periódicos da área entre os anos de 2010-2015. Dissertação (Mestrado Distúrbios da Comunicação). Curitiba, 2016.

6. Massi G. A Dislexia em Questão. São Paulo :Plexus, 2007.

7. Signor R. Terapia fonoaudiológica em grupo voltada à linguagem escrita: uma perspectiva dialógica. RBLA, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 585-605, 2012.

8. Freitas MTS. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Cadernos de pesquisa n 16, p.21-39, julho/ 2002.

9. Capelle MCA, Melo MCOL, Golçalves CA. Análise de conteúdo e analise de discurso nas ciências sociais.

10. Berberian AP. Princípios norteadores da avaliação clínica fonoaudiológica de crianças consideradas portadoras de distúrbios de leitura e escrita. In: Berberian AP, Massi GA, Guarinello AC. (orgs). Linguagem escrita: Referenciais para a clínica fonoaudiológica. São Paulo: Plexus Editora, 2003, p. 11-38.

11. Berberian AP, Kruger S, Guarinello AC, Massi GA. A Produção do conhecimento em fonoaudiologia em comunicação suplementar e/ou alternativa; análise de periódicos. São Paulo: Revista CEFAC, 2009. v. 11, Suppl2. p. 258-266.

12. Pereira LTK, Godoyb DMA, Terçariol D. Estudo de Caso como Procedimento de Pesquisa Científica: Reflexão a partir da Clínica Fonoaudiológica. Psicologia: Reflexão e Crítica, 22(3), 422-429.

13. Cunha MC, Palladino RRR, Silva MFF. Estudo de caso clínico na pesquisa fonoaudiológica: da cena clínica às formulações teóricas. Rev. *Dic. São Paulo, 27(1): 192-195, março, 2015.*

14. Mendes KDS, Silveira RCCP, Galvão CM. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto ContextEnferm.2008;17(4):758-64.

15. Taquette SR, Minayo MC. Análise de estudos qualitativos conduzidos por médicos publicados em periódicos científicos brasileiros entre 2004 e 2013. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 26 [2]: 417-434, 2016.

16. Berberian AP, Massi GA. Pais, filhos e letramento: ressignificação de histórias de leitura e escrita no contexto da fonoaudiologia. In: Berberian AP, Mori CC, Massi GA. (Orgs.). Letramento: Referências em saúde e educação. São Paulo: Plexus, 2006. p. 33-65.

17. Guarinello AC, Massi G, Berberian AP, Tonocchi R, Lustosa SS. Clínica fonoaudiológica bilíngue, uma proposta terapêutica para surdos com a língua escrita: estudo de caso. CoDaS 2015; 27 (5); 498-504.Abril 2015.

18. Belido AP, Berberian AP, Massi G, Mazzarotto I, Signor R. Crianças diagnosticadas com Síndrome de Irlen: analise de produções escritas. Rev. Dic. 2017 Mar. 29(1): 77-85.

19. Signor RCF, Santana APO. A outra face do Transtorno de Défict de Atenção e Hiperatividade. Rev. Dic. 27(2): xxx-yyy. Junho, 2015.

20. Lourenço RCC, Massi G, Lima RR. Trabalho com a linguagem e envelhecimento: uma busca por ressignificação de histórias de vida. Rev. CEFAC. 2014 Mar-Abr; 16(2): 672-678.

21. Massi G, Berberian AP, Guarinello AC, Lourenço RC, Tonocchi R, Neto JS. Linguagem e envelhecimento práticas de escrita autobiográfica junto a idosos. Rev. CEFAC. 2015 Nov-Dez;17(6):2065-2071.

22. Ferreira CK, Massi GAAM, Guarinello AC, Mendes J. Encontros intergeracionais mediados pela linguagem na visão de jovens e de idosos. Rev. Dic. 27(2): xxx-yyy. Junho, 2015.

23*.* Mariani BZP, Guarinello AC, Massi G, Tonocchi R, Berberian AP. O trabalho fonoaudiológico em uma clínica dialógica bilíngue: estudo de caso. CoDAs 2016;28(5):653-660. Fev 2016.

24. Guarinello AC, Massi G, Berberian AP, Cláudio DP, Festa PSV, Carvalho HAS. A retextualização como prática nas terapias fonoaudiologicas com sujeitos surdos. Ver. CEFAC. 2014 Set-Out; 16(5):1680-1690.

3 ARTIGO II

Abordagem clínica fonoaudiológica voltada às condições de letramento de um aluno do ensino superior: estudo de caso

RESUMO

Dentre as inúmeras mudanças que vêm sendo vivenciadas no Ensino Superior (ES) brasileiro, uma tem provocado inquietações: as diversas experiências educacionais dos ingressantes, em especial quanto às suas condições de leitura e escrita. Diante deste cenário, a distância entre as expectativas das instituições de ensino superior (IES) e a realidade de muitos discentes tem sido objeto de estudo. Parte-se do pressuposto de que as condições de leitura e escrita do acadêmico contribuem para a efetiva acessibilidade à sua formação acadêmico-profissional. Desta forma, este estudo visa analisar as contribuições da abordagem clínica fonoaudiológica, enfocando especialmente os aspectos discursivos, textuais e normativos que constituem a linguagem escrita baseada na perspectiva sócio-histórica, junto a um acadêmico inserido no ES. Trata-se de um estudo de caso, de cunho qualitativo, longitudinal e retrospectivo. Os dados foram coletados a partir de atendimentos fonoaudiológicos semanais, com duração de uma hora, ao longo de vinte meses de atendimento com um paciente que cursa o ES com queixas referentes à linguagem oral e escrita. A partir do atendimento, pôde-se acompanhar uma série de mudanças quanto às posições subjetivas em relação as suas condições de leitura e escrita. Os resultados evidenciam uma mudança de postura do sujeito frente à leitura e a escrita, tal condição se torna possível a partir da atribuição de significados ao uso da escrita e ressignificação das práticas vivenciadas. Tal atendimento convida este sujeito a ocupar um lugar de autoria diante de seus enunciados. Este estudo nos mostra a importância do trabalho pautado em práticas discursivas, aqui ancoradas numa perspectiva sócio-histórica, que promovam a ressignificação de experiências.

Palavras-chave: Ensino Superior; Fonoaudiologia; Estudo de caso.

INTRODUÇÃO

O cenário do Ensino Superior (ES) no Brasil vem, especialmente, nas últimas décadas, sofrendo mudanças de natureza estruturais e conceituais provocadas por políticas e programas de acessibilidade, ampliação do número de vagas, abertura de cursos e instituições, as quais se configuram por maior diversidade educacional, econômica e cultural dos ingressantes [(1)].

Assim, a entrada, nesse nível de ensino, de um número cada vez maior de alunos com experiências e trajetórias diversas tem causado inquietações e convocam as Instituições de Ensino Superior (IES) a revisitarem suas práticas, comumente formuladas a partir de uma visão que tende a conceber os sujeitos de forma homogênea. Frente à impossibilidade de tal homogeneização, ou seja, diante da dificuldade de se lidar com as diferentes condições materiais e subjetivas dos alunos, o que ocorre, em geral, é a atribuição da responsabilidade e da culpa aos alunos por limitações que comprometem o desempenho acadêmico, desconsiderando suas histórias vividas nos mais variados contextos [(2)].

Diante dos vários aspectos que configuram a diversidade dos acadêmicos inseridos no ES, interessa discorrer acerca de suas condições como leitores, escritores e falantes e como essas são entendidas e enfrentadas durante tal formação.

Na ocasião do ingresso no ES, expectativas de um desempenho satisfatório são criadas e atribuídas aos alunos, esperando-se que os mesmos estejam aptos a realizar de forma competente escritas e leituras próprias a textos que circulam no contexto acadêmico. No entanto, as condições de leitura e escrita de muitos alunos ao ingressarem no ES não garantem tal desempenho. Ainda são pouco conhecidas tais condições e, consequentemente, as intervenções destinadas a auxiliá-los acabam sendo inexistentes ou distantes das necessidades dos mesmos [(3)].

Parte-se do pressuposto de que as condições de leitura e escrita dos acadêmicos têm papel decisivo na qualidade da formação do discente e que tais condições estão atreladas aos modos pelos quais esses vêm ao longo de suas vidas estabelecendo relações com a linguagem escrita.

Para evidenciar a problemática enfrentada por um número significativo de alunos do ES em torno de suas condições restritas de leitura e escrita, recorreu-se aos resultados obtidos em uma pesquisa de grande escala, denominada Índice de Letramento Cientifico (ILC) que demonstra que apenas 11% dos alunos que estão no ES possuem letramento científico proficiente, ou seja, têm domínio sobre assuntos como tecnologia e genética, conseguem fazer uso da linguagem exigida pelo contexto (linguagem técnica, científica, seja ela de modo informal ou formal) e conseguem elaborar e criticar argumentos.

Esse mesmo indicador revela ainda que 4% desse público não possui letramento científico, ou seja, desconhece temas e discussões relacionadas ao contexto científico (acadêmico) e somente se utiliza de conceitos mais próximos à sua realidade (como ler bulas e contas de consumo).

O resultado da pesquisa acima referida é particularmente expressivo e surpreendente ao revelar que somente cerca de 5% da população alcança o letramento científico proficiente e que dentre as pessoas que concluíram o ES, pouco mais de 10% têm tal proficiência. [(4)]

Interessa também destacar que simultaneamente ao aumento expressivo de ingresso de alunos nas IES, pôde-se acompanhar, nos últimos anos, um aumento significativo de encaminhamentos à clínica fonoaudiológica, para realização de avaliações e de atendimentos aos alunos que ingressaram no ES e que são considerados portadores de supostos “distúrbios” da linguagem oral e/ou escrita [(2)].

Estudos realizados, de forma mais recorrente, nos últimos 20 anos, apontam que a atuação fonoaudiológica, seja direcionada ao contexto clínico, seja ao educacional, quando embasada na perspectiva sócio-histórica, pode ampliar as possibilidades dos sujeitos, fortemente marcados pelo estatuto da incapacidade/incompetência, ressignificarem histórias vividas e mediadas pela linguagem escrita.

Tais possibilidades decorrem do fato de que essa perspectiva propõe a revisão das dicotomias estabelecidas entre o individual e coletivo, singular e social, o que pressupõe por parte do fonoaudiólogo o compromisso de abordar as singularidades

dos sujeitos a partir da articulação que a mesma estabelece com diferentes histórias de vida, enfim, de apreender ponto(s) em que a história de cada um ecoa a história de um grupo, de um tempo, desvelando aspectos culturais, econômicos e políticos em razão dos quais essas histórias foram e estão inscritas [5].

Assim, no que se refere a situação terapêutica, essa abordagem convoca o profissional a estabelecer como objetivo a ressignificação de relações de sofrimento dos sujeitos com a linguagem escrita e com a própria condição de leitor e escritor. Para isso, é necessário conhecer as experiências com a linguagem escrita com as quais esses sujeitos foram submetidos, para agir na ressignificação da *queixa*. Desta forma, a construção de novos sentidos a partir de vivências mediadas pela linguagem escrita conduz ao redimensionamento de uma autoestima muitas vezes comprometida pelo estigma da "dificuldade" de leitura e escrita; é nesse ponto que o trabalho empreendido ultrapassa o campo "pedagógico" e se torna *terapêutico* (fonoaudiológico) [6].

Pautado na abordagem sócio-histórica, o fonoaudiólogo busca integrar as dimensões discursivas, textuais e normativas que participam do processo de apropriação e uso da linguagem escrita.

Para discorrer acerca dos aspectos relacionados à dimensão discursiva da linguagem escrita cabe elucidar que os enunciados, constitutivamente dialógicos, são sempre históricos e sua historicidade é captada no próprio movimento linguístico de sua constituição, ou seja, é na atividade humana, no contexto social e nas condições de sua produção que se configuram enquanto gêneros discursivos.

Tal dimensão refere-se às condições de produções de textos escritos. Diz respeito a quem se escreve, com que finalidade, sobre o que se escreve, compreendo que os processos de apropriação e uso da leitura e escrita estão atrelados à natureza e qualidade das mediações que serão estabelecidas entre os interlocutores e o texto escrito. São decorrentes dessas mediações que os sujeitos estabelecem hábitos, conhecimentos, valores e usos com e sobre a linguagem escrita [7,8].

No que se refere à dimensão textual, se o sentido do texto não está dado *a priori*, este se constrói na interação estabelecida entre o texto e os sujeitos. Assim a coerência – entendida como um princípio de interpretabilidade – vem a constituir para

os interlocutores, uma configuração vinculadora de unidades significativas; e a coesão – fenômeno capaz de interligar vários componentes textuais – surge como manifestação da coerência no processo de produção e interpretação de elementos textuais [9].

A perspectiva sócio-histórica oferece elementos para que o terapeuta possa analisar como o sujeito opera sobre o aspecto ortográfico da escrita e, portanto, as diversas estratégias que utiliza e que, por vezes, quando resultam em manifestações fora do padrão como, por exemplo, uso “indevido” de letras, apoio na oralidade, hiper ou hiposegmentação, o aprendiz está fazendo uso de estratégias próprias do processo de apropriação da linguagem, reveladoras de seus modos singulares de se relacionar com a mesma [10].

Feitas tais considerações ressalta-se que o objetivo dessa pesquisa é analisar as contribuições da abordagem clínica fonoaudiológica, enfocando especialmente os aspectos discursivos, textuais e normativos que constituem a linguagem escrita baseada na perspectiva sócio-histórica, junto a um acadêmico inserido no ES.

APRESENTAÇÃO DO CASO CLÍNICO

Nesta seção objetiva-se explicitar aspectos relativos ao tipo e desenvolvimento da pesquisa, a caracterização do sujeito em relação à sua trajetória escolar, bem como, a queixa em torno da linguagem escrita, motivo de seu encaminhamento para atendimento fonoaudilógico.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa e cumpriu todos os critérios da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. O participante da pesquisa assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e para manter preservada sua identidade foi adotado o nome fictício, João (J.).

Este artigo, trata-se de um estudo de caso, de cunho qualitativo, longitudinal e retrospectivo, pautado em uma perspectiva sócio-histórica, elaborado a partir de um trabalho clínico fonoaudiológico voltado à linguagem escrita junto a um aluno do ES.

Cabe esclarecer que o sujeito dessa pesquisa foi encaminhado para atendimento fonoaudiológico devido a queixas referentes à linguagem escrita, pelo Núcleo de Acessibilidade da Universidade pública, que o mesmo frequentava.

O atendimento foi realizado semanalmente em encontros com duração média de 1 hora na Clínica Escola de Fonoaudiologia de uma IES privada localizada no sul do Brasil. Para análise dos dados, foram considerados 20 meses de atendimento fonoaudiológico, desde o seu início, em maio de 2017, até dezembro de 2018. Esse tempo foi estipulado por conta da execução da pesquisa. Os dados foram coletados durante as sessões realizadas no processo terapêutico, a partir de gravações em áudio no aparelho SM-G6100, versão MP 0.400.

O participante da pesquisa, denominado com o nome fictício de João (J), tem 26 anos, nasceu em uma cidade do Sul do país, depois mudou-se para uma cidade litorânea do Paraná, onde reside até hoje. No que se refere ao contexto familiar, J. estabelece vínculo com sua mãe, que é faxineira, e com seus irmãos, um de 29 anos e uma de 25 anos. Ambos residem em uma cidade do Paraná, que não é a cidade onde J. reside. Segundo J., seus irmãos são formados no ensino superior tecnólogo. Ressalta-se que durante o processo terapêutico, o pai de J., de 63 anos, com o qual J. não estabelecia contato há muitos anos, passou a residir com o mesmo, estabelecendo uma dependência financeira de J., uma vez que encontrava-se desempregado.

O participante da pesquisa possui uma namorada há, aproximadamente, 6 anos, residente em uma cidade do Paraná distinta da sua. J. afirma que foi ela que o incentivou a voltar a estudar e a procurar ajuda de diversos profissionais para superar suas dificuldades relacionadas a questões emocionais e relativas à linguagem oral e escrita.

Quanto às suas condições de vida, J. afirma que, durante a infância e a adolescência, passou por muitos momentos de grande carência financeira, os quais não foram favoráveis ao seu desenvolvimento de forma geral e, em especial, à sua escolaridade. J. trabalha desde sua adolescência e hoje desempenha a função de jardineiro e serviços gerais como autônomo. Embora sua condição financeira tenha melhorado, considerando a vivida ao longo da infância e adolescência, J. declara que

ainda passa por várias dificuldades dessa natureza tendo que trabalhar e, portanto, conciliar essa atividade com seus estudos.

Acerca da queixa, que fundamentou o encaminhamento para a clínica fonoaudiológica, J. relatou que foi estabelecido um diagnóstico de dislexia e TDAH pelo Núcleo de Educação. J. alega que não tinha guardado relatórios que pudessem ser compartilhados com a terapeuta, quando esta os solicitou. J. diz que foi diagnosticado na pré-adolescência (aproximadamente aos 11 anos), mas afirma não se lembrar exatamente o ano em que o diagnosticado foi realizado.

Alguns profissionais da saúde e educação firmaram o diagnóstico de tais patologias baseados em supostos laudos e tais relatórios e laudos datam de 2004, 2011, 2015 e 2016, conforme demonstrado no quadro abaixo:

TIPO DE RELATÓRIO	**ANO REALIZADO**	**PARECER/ LAUDO**
Avaliação Psicoeducacional	2004	*"De acordo com os dados obtidos na avaliação, XXXX deverá permanecer no Ensino Regular com atendimento paralelo em Sala de Recursos e/ou atendimento pedagógico. Recomenda-se também avaliação neurológica, atendimento psicológico e continuidade no atendimento fonoaudiológico".*
Relatório Fonoaudiológico	2011	*"Em face ao exposto e ao histórico de XXXX, os dados sugerem um* ***Transtorno Específico de***

		Leitura *(CID F81.0), o que recomenda um apoio específico na esfera acadêmica permitindo sua inserção no contexto escolar".*
Atestado Neurológico	2015	*"Atesto para os devidos fins que o Sr. XXXX foi atendido por mim, devido a* ***Défict de Atenção****, com medicação. Ex. neurológico com* ***déficit de atenção leve****. Cid 10: F90".*
Atestado Neurológico	2016	*"Atesto para devidos fins que XXXX foi atendido por mim devido à* ***Dislexia e TDAH.*** *EX.fisio neurológico* ***def cognitivo****. Orientação familiar. Avaliação e terapia com psicóloga.Sala reforço e recurso.Sugiro ritalina".*

Aos 18 anos J. realizou atendimento clínico fonoaudiológico, o qual, segundo ele, foi realizado a partir do apoio e incentivo de sua namorada, que acontecia uma vez por mês. Porém J. interrompeu o mesmo por não ter percebido avanços em relação à linguagem oral e escrita.

A respeito de sua escolaridade, J. conta que cursou quatro anos a 5ª série. Após esse período, ele parou de estudar por aproximadamente 7 anos e depois de alguns anos matriculou-se no Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEBJA) para concluir o Ensino Fundamental II. A partir disso, fez a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para a conclusão do Ensino Médio (EM), porém, sua nota só aprovava a disciplina de matemática; no segundo ano em que realizou a prova do ENEM foi aprovado nas demais disciplinas e, desta forma, concluiu o EM.

Após concluir o EM, prestou o vestibular de uma Universidade pública situada no Paraná como cotista e passou na quarta tentativa em um curso da área de ciências

exatas e da terra. Quanto ao ingresso nessa Universidade, conta que para realizar a prova do vestibular, por ser cotista e apresentar laudos de dislexia e TDAH, solicitou a ajuda de um ledor e escriba e que depois de seu ingresso foi encaminhado pelo Núcleo de Acessibilidade para atendimento fonoaudiológico na clínica escola de uma universidade particular por apresentar condições restritas de leitura, escrita e oralidade.

No que tange ao processo terapêutico realizado na referida clínica, objeto de nossa análise, cabe esclarecer que as práticas de leitura e escrita foram mediadas com base em diferentes gêneros discursivos, como carta, resumo, matéria de jornal, texto acadêmico, literatura, agenda e a partir de produções espontâneas e de atividades significativas para o participante. As atividades realizadas durante as terapias basearam-se em estratégias pautadas na perspectiva sócio-histórica, priorizando o trabalho fonoaudiológico com a linguagem escrita, que concebe a escrita enquanto atividade discursiva e resultante de um trabalho coletivo e histórico [5, 6,10].

No item abaixo foram reproduzidos trechos de alguns diálogos ocorridos entre a terapeuta e o participante, bem como, de produções escritas produzidas por J. durante as sessões fonoaudiológicas, considerando aqueles de maior relevância para atender aos objetivos desse estudo. Os diálogos foram transcritos com pausas, prolongamentos, repetições e hesitações presentes na linguagem oral do paciente e da terapeuta. O uso da inicial T. sinaliza a participação da terapeuta e a inicial J. indica as produções de João. A transcrição foi feita a partir do projeto NURC/SP [11] seguindo as normas do mesmo, conforme apresentado no anexo 1.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de propostas de produções escritas realizadas nas primeiras sessões terapêuticas, pôde-se observar que J. estava inseguro, recusando-se a escrever e recorrendo à terapeuta como escriba. Naquele momento, foi possível perceber a falta de contato de J. com determinados textos escritos, bem como, uma relação de sofrimento com essa modalidade de linguagem.

Notou-se também que a namorada de J. ocupava um lugar de importância nesse processo, pois o influenciou no ingresso na Universidade, bem como, era sua escriba nas matrículas realizadas, nos e-mails para professores e em outras instâncias da universidade, também, em mensagens trocadas com a terapeuta de J. para organização de dias e horários de atendimento clínico fonoaudiológico. A partir desse fato e de relatos produzidos por J., foi possível compreender que ele não se reconhecia capaz de ocupar um lugar de sujeito escritor, delegando à sua namorada tal posição, motivo de estar buscando ajuda para avançar em sua vida acadêmica e profissional.

No início do atendimento, J. afirmava, recorrentemente, que tinha muita dificuldade em ler e escrever, seja no contexto clínico ou acadêmico, alegando ter vergonha e demonstrando-se culpado, nervoso e constrangido durante as práticas de leituras e escritas propostas. Destaque-se que, eram recorrentes os momentos em que ele se negava a assumir a posição de leitor e escritor, solicitando à terapeuta que o fizesse por ele.

No transcorrer do trabalho, J., a partir de diálogos estabelecidos com a terapeuta em torno de aspectos, especialmente, econômicos e educacionais que fizeram parte de sua trajetória de vida limitando a sua formação escolar, tal como, a apropriação da leitura e escrita, passou considerar que suas restritas condições e limitações relativas à linguagem escrita foram construídas, social e coletivamente, conforme trecho abaixo:

Trecho I: 08/06/2017

01 J: Lá em casa falam que eu sou o mais inteligente de todos...
02 J: Mas só nesse ponto que eu deixei a desejar, de escrever, porque eu acho que eu fiquei muito relaxado e não escrevia!
03 T: Ficar relaxado quer dizer o que, aqui?
04 J: /aaa/ não praticar! Eu não trabalhei a escrita...
05 T: Então relaxado aqui é um defeito?
06 T: ((Risos))
07 J: Realmente é um defeito.
08 T: Acho que vale a pena refletir sobre isso...

09 J: Eu tinha que ter me esforçado mais, ter trabalhado menos e ter estudado mais... Mas isso vem lá de trás ((se refere a sua história escolar)) meu conhecimento da escrita foi atrasado!

O trecho acima demonstra que a posição do acadêmico frente à sua condição de leitor e escritor ora é entendida a partir de faltas e/ou falha individual, ou seja, resultado de um problema inerente a ele; ora a uma condição que foi constituída ao longo de sua história e, portanto, de suas condições materiais e subjetivas de vida.

Quando a terapeuta indaga se a falta de esforço, ser relaxado seria um defeito dele, embora afirmasse que sim, como evidenciado na linha 09, pode-se apreender que J. passa a estabelecer relações entre *"o fato de ser o mais inteligente de todos, ter trabalhado pouco a escrita, ter deixado a desejar na escrita"* com as experiências vividas ao longo de sua vida. Ao afirmar que deveria ter trabalhado menos e inferir que deveria ter trabalhado mais na escrita, ele remete a sua relação com a escrita à sua condição econômica e familiar, pois desde muito cedo precisou trabalhar para contribuir com a renda da família, tendo então dificuldade em conciliar a escolaridade e o trabalho.

Nota-se, no trecho abaixo, que J., também, passa a reconhecer que a sua condição como leitor e escritor está atrelada à sua trajetória escolar, fazendo inclusive uma crítica a aspectos relativos à estrutura do ensino que esteve submetido, especialmente, às normas que garantiam a aprovação de alunos que não haviam avançado no aprendizado.

Trecho II: 30/10/2017

01 J: Porque eu vejo que desde o início da minha carreira de escola a lei já me atingiu, não pode reprova o aluno de 1ª a 5ª serie, tem que passar. Então eu venho apanhando desde lá daí eu já não fiz o fundamental, nem o médio, eu já pulei direto de paraquedas para o ensino superior. Daí o aprendizado em XXX é muito feio, é complicado...

A partir do trecho acima descrito, nota-se a possibilidade que J. teve de incorporar em sua análise e, portanto, em seu discurso aspectos - econômico, familiares, educacionais - envolvidos com sua condição restrita de leitor e escritor, evidenciando o deslocamento da posição de J., resultantes das intervenções clínicas orientadas pela perspectiva teórico-metodológica. Ressalta-se que tal perspectiva tem o objetivo de oferecer elementos que permitam ao sujeito não situar em si as supostas incapacidades e contemplar aspectos sociais e históricos que participam das desiguais condições de leitura e escrita que são vivenciadas por ele e por parte significativa da população brasileira [5].

Quando J. iniciou o atendimento, as manifestações escritas fora do padrão eram por ele consideradas como sintomas, erros, falhas, como desvios ortográficos e gramaticais. Em função do medo de errar, apresentava resistência ou recusa em assumir a elaboração de textos que seriam endereçados a diferentes interlocutores e passou a solicitar atividades de ditado, de repetição, como forma de apreender, decorar a ortografia.

Essas atitudes evidenciam que a visão que J. construiu de si como portador de uma doença, patologia, distúrbio que causava a sua relação negativa com a escrita e com o seu aprendizado escolar é atravessada por posições hegemônicas que circulam socialmente a partir de discursos produzidos por profissionais da saúde e da educação. De acordo com referencial [12], tal discurso, assentado numa visão organicista e individualista do desenvolvimento humano, tende a ser produzido e veiculado por grupos sociais que representam uma voz de autoridade e, por isso, exercem forças que levam os sujeitos a aderir à noção de ser portador de uma doença inexistente, com repercussões sobre a sua auto-estima, a sua auto-imagem, enfim, seu autoconceito.

Se inicialmente a condição de escrever estava restrita à capacidade de J. produzir ortograficamente no padrão, restringindo o seu entendimento acerca da linguagem escrita e de sua relação com a mesma, secundarizando as dimensões textuais e discursivas, ao longo do processo terapêutico ele passou a compreender que a escrita é composta por essas dimensões. A partir de uma mudança de concepção acerca do que a linguagem escrita representa, J. passou a entender que escrever não

é apenas codificar e decodificar palavras e que o aprendizado da mesma não será efetivado a partir de atividades de repetição e memorização. Tal mudança permitiu a J. reconhecer conhecimentos que possuía acerca de aspectos da escrita relativos, em especial, às suas dimensões textual e discursiva, conforme texto abaixo evidencia .

Na produção abaixo, foi proposto a J. que escrevesse alguns relatos que ocorreram no contexto acadêmico, uma vez que o mesmo referia recorrentemente suas experiências enfrentadas nesse contexto, para que futuramente pudéssemos fazer um livro de relatos biográficos.

Produção ditada por J. e escrita pela terapeuta I: 08/06/2017

"Teve uma vez que em uma segunda-feira cheguei atrasado na sala de aula, estava tendo prova e eu não sabia o que fazer, se eu ficava na sala ou saia. Fiquei a sala, comecei a ler a prova, mas não conseguia escrever as respostas. Depois que todos saíram da sala falei pro professor que tinha dislexia. Ele todo assustado não sabia o que fazer para aplicar as avaliações pra mim e perguntou o que eu achava melhor, respondi a ele que preferia oral. Ele então marcou em uma sala reservada só eu e ele e efetuou a prova. Filmou para ter o registro de como foi feito. Consegui demonstrar meu conhecimento pra ele e consegui passar na matéria".

Ao ditar o relato acima para que a terapeuta o escrevesse, referente a uma experiência acadêmica, J. evidencia conhecer características do gênero discursivo quanto à sua função, temática, estilo, assim como, atende uma estruturação capaz de garantir coesão e coerência. Percebeu-se, também, que J. planeja previamente seus textos oralmente, elaborando as partes e a articulação das mesmas, o que evidencia sua possibilidade de elaborar um texto de forma coerente e coesa.

Ao reconhecer as particularidades do relato autobiográfico e planejá-lo oralmente, J. evidencia uma posição de autoria buscando organizá-lo de forma a produzir efeitos de sentido nos seus interlocutores, tais como as dificuldades

enfrentadas na sua formação acadêmica, necessidades e anseios.

Aqui vale ressaltar o entendimento de que saber ler e escrever pressupõe para além do domínio do sistema alfabético da língua dimensões discursivas e textuais que garantam o querer e poder dizer ao outro aquilo que se deseja de forma a garantir um significado. De acordo com a perspectiva adotada, o processo terapêutico deve ser conduzido a partir de práticas de leitura e escrita que coloquem em destaque tais dimensões e não estejam centradas em exercícios ou tarefas de decodificação, codificação e repetição, que por vezes acabam por desconsiderar as experiências e os conhecimentos do sujeito acerca da linguagem escrita considerando sua abrangência. [10].

Destaca-se que no decorrer do processo terapêutico, J. passou a participar de forma mais autônoma de uma série de produções escritas, denotando maior autoria, menor resistência e recusas, produzindo textos que atendem às características de produção de diferentes gêneros textuais. Tal fato esteve relacionado à possibilidade de J. compreender que a escrita envolve dimensões textuais e discursivas, que ele possuía conhecimentos não reconhecidos anteriormente e que as manifestações ortográficas fora do padrão não são erros, mas hipóteses que fazem parte de seu processo de apropriação.

Outra produção realizada neste processo foi a escrita de uma carta destinada aos seus professores do curso em que está matriculado, na qual apresentou aspectos de sua história, dificuldades que vinha enfrentando no contexto acadêmico e propôs algumas estratégias aos docentes e à instituição em que estuda.

Produção Escrita II: 20/11/2017

XXXXX, 20/11/2017.

Professores,

Eu, XXXXXXX de 26 anos passei na Universidade XXXXXX, no curso de XXXXX e sou morador em XXXXXX.

Estou passando uma dificuldade no campus do XXX.

Na primeira fase do vestibular tinha professores capacitados e uma estrutura que me demonstraram muita confiança e depois fui aprovado para a segunda fase na qual eu passei.

No primeiro período do curso tinham sete matérias e nenhuma estrutura no XXX.

Enfrento muitos desafios e me sinto incapaz. Das sete matérias eu fui aprovado em cinco, sem apoio de um (a) profissional capacitado como tinha na 1ª e 2ª fase do processo seletivo da XXXX.

Além do apoio que estou tendo na Clínica de Fonoaudiologia da Universidade XXXX para superar minhas dificuldades na leitura e na escrita, espero ter um acompanhamento na XXXX, como a lei permite.

Sendo assim, penso em algumas estratégias que podem me ajudar:

1. Ter um tutor no XXX.
2. Ter mais tempo para realizar as provas.
3. Ter os materiais das disciplinas antes das aulas.

Obrigado a todos pela dedicação!

XXXXXXXX

A carta acima explicita uma posição de autoria que foi ao longo do processo sendo assumida por J., de forma que o que está escrito em sua carta evidencia uma trajetória particular e ao mesmo tempo convoca os educadores a participarem desse processo; ainda assume uma posição crítica analisando a problemática vivida e aponta possíveis caminhos que podem ser trilhados. A carta cumpre uma função, uma

necessidade sua, constitui um discurso para mediar a relação entre ele e os educadores.

Na construção dessa carta, J. mostrou-se capaz de reconhecer as características discursivas relevantes a esse gênero, ou seja, considerou seus interlocutores, o que desejava dizer aos mesmos, qual a finalidade de seu discurso, a temática envolvida e o estilo a ser adotado. O conteúdo da carta evidencia que J. ampliou o seu entendimento acerca do que estava envolvido no enfrentamento de suas dificuldades de leitura e escrita, bem como, avançou na apropriação dessa modalidade de linguagem. Enfim, J. deixa de atribuir a ele as causas, a culpa e os modos de enfrentamento de suas condições de leitura e escrita, para abordá-las coletivamente, envolvendo a participação do corpo docente e da coordenação de seu curso.

Ressalta-se que se J. apresentou experiência e conhecimento durante a produção de uma carta, o que aponta para o contato e experiências com tal gênero, ao se deparar com a proposta de utilização de uma agenda suas possibilidades de produção se apresentaram mais restritas. J. alega não fazer uso da mesma, não saber como é organizada e estruturada e ter pouca familiaridade com esse suporte.

Destaca-se que embora J. não tivesse experiências significativas com o uso e funções próprias a esse tipo de portador de textos e, portanto, com as escritas pertinentes ao mesmo ao introduzir o uso sistemático da agenda no contexto terapêutico, ele passou a compreender a sua função na organização de seu cotidiano, uma vez que nela poderiam ser registrados seus compromissos pessoais, profissionais e acadêmicos.

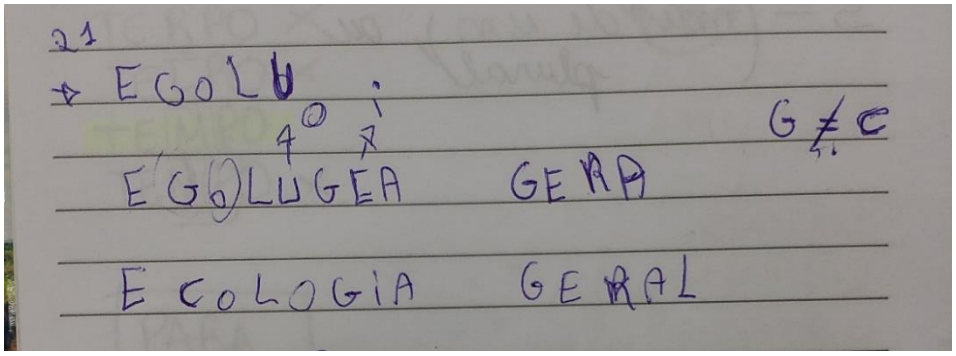
Este fato evidencia que as intervenções clínicas fonoaudiológicas voltadas à linguagem escrita baseadas na perspectiva sócio-histórica propõem o fortalecimento do vínculo da linguagem com a vida, tomando-a em sua complexidade e totalidade, imersa em interlocuções significativas marcadas por conteúdo vivencial [13].

Ainda sobre o trabalho realizado com a escrita na agenda, especificamente, quanto às suas contribuições para o avanço na apropriação da ortografia, J. optou em escrever primeiramente uma versão numa folha a parte dados referentes às disciplinas que frequentaria num determinado semestre, para posteriormente reescrevê-las na

agenda propriamente dita. Tal iniciativa, foi por ele justificada em função do receio de errar e ficarem registrados na agenda tais *erros*.

Essa situação deixa claro que J. não reconhecia a agenda, ainda, como uma produção cujo interlocutor seria ele mesmo e cujo objetivo era registrar compromissos e fatos pessoais, caso contrário demonstraria uma menor preocupação com a ortografia, uma vez que, ele seria da mesma o único leitor. Discussões acerca da importância diversificada que deve ser destinada à ortografia dependendo dos contextos de produção da escrita foram encaminhadas junto a J., durante as escritas na agenda, para que ele pudesse ampliar o seu entendimento sobre o fato de que as características dos gêneros implicam em modos de escritas diversificados, inclusive no que se refere aos aspectos normativos. A escrita na agenda propiciou diálogos e análises em retorno do fato de que textos que circularam em contextos públicos demandam uma maior preocupação com tais aspectos do que aqueles que circulam nas esferas privadas.

Produção escrita II: 19/03/2018



Na produção acima, é possível acompanhar as escritas do nome da disciplina Ecologia Geral elaboradas por J. e dúvidas em relação a algumas letras que compõe essas palavras; como a utilização do ***o ou u; e ou i; c ou g.*** A partir da proposta feita pela terapeuta para que J. escrevesse de diferentes modos considerando todas as hipóteses possíveis e tentasse evitar apoio na oralidade, ele produz várias reescritas e ao analisá-las e compará-las, chega à produção do padrão. Pode-se notar que ele compara a escrita letra por letra, escreve a letra g e ao lado a letra c, acrescentando o

símbolo que marca o seu entendimento de que as mesmas são diferentes. Cabe ressaltar que a ênfase na ortografia foi sendo dada depois de um avanço na condição de J. ao se reconhecer como escritor.

Tal fato demonstra que J., a partir das atividades clínicas centradas na análise da ortografia e na explicitação dos motivos que geram hipóteses ortográficas fora do padrão, passou a compreender que para as letras que correspondem aos denominados pares mínimos referentes à produção da fala, como é o caso das letras c e g, apesar de nas suas produções orais terem os mesmos pontos e modos articulatórios e só variarem no seu traço de sonoridade, a escrita de tais sons é distinta, enfim, correspondem a diferentes letras.

Com base na orientação teórica adotada, é importante destacar que um dos objetivos da terapia, quanto aos aspectos acima mencionados é oferecer elementos para que o sujeito compreenda que hipóteses ortográficas fora do padrão fazem parte do processo de apropriação de tal aspecto e, portanto, são previsíveis e necessárias [(14)].

Ao longo do processo, J. foi se apropriando do entendimento de que suas dúvidas em relação à ortografia devem-se a, pelo menos, dois aspectos que caracterizam o sistema alfabético da língua portuguesa: - relações cruzadas existentes entre fonema e letra (um mesmo fonema pode ser representado por diferentes letras, ou uma letra pode estar associada a diferentes fonemas); - quer seja pelo fato de J. apoiar-se na forma de se articular fonemas que apenas apresentam, entre si, distinção no traço de sonoridade (pares mínimos, como no exemplo acima /c/ por /g/).

Se é fundamental enfatizar que J. ainda precisa avançar na apropriação da linguagem escrita, os resultados acima analisados enfatizam um sujeito capaz de assumir posição de autoria enquanto leitor e escritor, de realizar análises linguísticas e cognitivas próprias aos processos envolvidos com a apropriação e uso dessa modalidade de linguagem, tal como, as contribuições que a orientação adotada exerceram ao longo desse processo.

CONCLUSÃO

Constatou-se, nesse estudo, que a intervenção fonoaudiológica clínica fundamentada na perspectiva sócio-histórica evidencia a possibilidade de deslocamento da responsabilização do sujeito quanto às suas dificuldades, pois J. pôde analisar criticamente a qualidade das interações negativas com e a partir da linguagem escrita em que esteve inserido e a repercussão das mesmas em sua história, experiências e em sua relação com a linguagem. Tal ressignificação permitiu que J. reconhecesse e assumisse os seus desejos em ser um leitor e escritor "competente" e ocupasse um lugar de sujeito capaz de elaborar hipóteses e entender a escrita como um processo continuo.

A mudança da posição de J. em relação à linguagem escrita denota que o atendimento clínico pautado em tal teoria além de convidar o sujeito a ocupar um lugar de autoria diante de seus enunciados, em especial no contexto do qual faz parte, também contribui para seu avanço em relação aos aspectos discursivos, textuais e normativos da língua escrita.

A ressignificação das posições subjetivas frente à condição de leitor e escritor, ocorridas no estudo clínico em questão, é decorrente de um olhar e de uma posição dialógica promovida entre o terapeuta- fonoaudiólogo e o participante dessa pesquisa a qual, embora não predominante nas práticas clínicas, vem se mostrando capaz de promover a linguagem escrita junto a sujeitos considerados portadores de distúrbios e/ou patologias de leitura e escrita.

Nessa direção, é preciso ressaltar a necessidade e a importância de novos estudos, práticas e pesquisas direcionadas também à população acadêmica no sentido de consolidar o papel do fonoaudiólogo com sujeitos encaminhados cada vez mais para atendimento clínico fonoaudiológico decorrente de supostas dificuldades de leitura e escrita que emergem durante sua formação no ES.

Dessa forma, entendemos que o fonoaudiólogo, a partir de uma concepção de linguagem como constitutiva do sujeito e do compromisso em promover as condições

de leitura e escrita aos alunos inseridos no ES, pode assumir papel importante na construção de uma sociedade mais igualitária, implementando práticas clínicas que contribuem com a democratização do ensino também envolvendo esse nível de formação.

ANEXO

Masini MLH. O diálogo e seus sentidos na clínica fonoaudiológica [tese de doutorado]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos pós- graduandos Linguística aplicada e estudos da linguagem ; 2004.

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	o menino ROB...( ) e: eu ia fazendo
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	ela tem muito (a simbolizar)...
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e que tava intervin/ interferindo muito na escrita
Entonação enfática	maiúscula	assim de CARA já chega com/olha só:
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:	e: comecei a: eu disse
Silabação	-	... no começo: hi-pe-ra-tividade...
Interrogação	?	tinha irmãos ela?
Qualquer pausa	...	então... eu trouxe um caso... para vocês
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((risos))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição	-- --	eu perguntei primeiro --eu faço essa pergunta para a criança... uma criança um pouquinho maior se ela sabe porque que ela ta vindo ali comigo... --

Leituras de textos	“ ”	“Clara fez um túnel escondido e escreveu meu nome... as iniciais do meu nome... ROB”.
Superposição, simultaneidade de vozes	Sublinhando os segmentos superpostos	• *mas essa cobra é perigosa?* • é perigosa...
Diferenciação de vozes nas citações literais de um diálogo	Alternância entre negrito e itálico	eu falava que eu vou lhe conhecer ; porque ela viu os brinquedos *eu quero brincar*

REFERÊNCIAS

1. JESUS, R. C. P. de.; NASCIMENTO (2013). Educação Tutorial de Estudantes de Origem Popular: Universidade e Reconcavo em Conexão. In: Santos. G. G, & Sampaio, S. M. R. (orgs). Observatório da Vida Estudantil: Universidade, Responsabilidade Social e Juventude. Bahia: Editora Edufba

2. DONIDA, L.O. Universitários com dificuldades de leitura e escrita: Desvelando discursos. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

3. RHODES, C.A.A. Crônicas do cotidiano universitário: um estudo sobre os sentidos da experiência da graduação no discurso de um grupo de acadêmicos da Universidade Federal do Paraná. Dissertação de mestrado em Psicologia apresentado ao programa de Pós Graduação em Psicologia da Univerisidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

4. INSTITUTO ABRAMUNDO. Brasil (Org.) ILC - Indicador de Letramento Científico: Sumário executivo de resultados 2014. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2014. 43 p. Parceiros: Instituto Paulo Montenegro; Ação Educativa. Cientifico_FCC.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2017.

5. BERBERIAN, A.P*. Letramento: referencias em saúde e educação*. In: BERBERIAN, A.P.; MASSI, G.A.; ANGELIS, C.C.M (orgs) São Paulo: Plexus Editora, 2006.

6. SIGNOR, R.C.F. Terapia fonoaudiológica em grupo voltada à linguagem escrita: uma perspectiva dialógica. RBLA, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 585-605, 2012.

7. FARACO, C.A. *Linguagem escrita e alfabetização*. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

8. GERALDI, J.W. Portos de passagem. 5ª. edição, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1991; 2013.

9. KOCH, IGV .A inter-ação pela linguagem. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

10. MASINI, M.L.H. O diálogo e seus sentidos na clínica fonoaudiológica [tese de doutorado]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos pós- graduandos Linguística aplicada e estudos da linguagem ; 2004.

11. MASSI, G. A. *A dislexia em questão*. São Paulo: Lexus, 2007.

12. MOYSÉS, M. A.; COLLARES, C. A. L. Inteligência abstraída, crianças silenciadas: as avaliações de inteligência. *Psicologia USP*, v 8, n1, São Paulo, 1997.

13. BERBERIAN, A.P. Princípios norteadores da avaliação clínica fonoaudiológica de crianças consideradas portadoras de distúrbios de leitura e escrita. In: BERBERIAN, A.P.; MASSI, G.A.; GUARINELLO, A.C. (orgs). *Linguagem escrita: Referenciais para a clínica fonoaudiológica.* São Paulo: Plexus Editora, 2003.

14. GUARINELLO, A.C [et.al] (organizadores). Abordagens em fonoaudiologia: contextos e aplicações. São Paulo: Plexus, 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo, cabe responder as questões que o nortearam, acerca das contribuições da perspectiva sócio-histórica: na produção do conhecimento e na atuação fonoaudiológica voltadas à linguagem escrita.

Dentre as diversas contribuições, esse estudo permite apreender como tal perspectiva fundamenta conhecimentos e ações fonoaudiológicas capazes de promover o reconhecimento dos sujeitos acerca de suas histórias em torno da linguagem escrita como determinadas a partir de condições materiais e subjetivas, constituídas social e historicamente. Isso fica evidenciado nos estudos de caso publicados em periódicos da área, bem como, a partir do caso clínico, objetos de nossas análises.

É recorrente em todos os estudos a referência ao fato de ter ocorrido entre os sujeitos das pesquisas um distanciamento de rótulos de serem portadores de disturbios, patologias e/ou deficiencias de leitura e escrita e, concomitantemente, um reconhecimento de si como capazes e em processo de apropriação e uso da linguagem escrita e a partir daí uma tomada de posição como leitores e escritores.

Diante do crescente número de alunos que ingressam no sistema educacional brasileiro com condições restritas de leitura e escrita e que por esse motivo passam a enfrentar barreiras em sua formação acadêmica e, em muitos casos, a serem considerados portadores de distúrbios de leitura e escrita, pôde-se acompanhar, nesse estudo, que grupos de fonoaudiólogos, assentados numa perspectiva sócio-histórica vêm construindo elementos teóricos e práticos para a superação dessa problemática.

Chama atenção o fato de que o aumento do encaminhamento de alunos inseridos na Educação Fundamental para atendimento clínico fonoaudiológico, com queixa de leitura e escrita, tem sido uma constante na história de nosso país. A partir da expansão do ingresso de grupos populacionais no ES, nas últimas décadas, tal fato tem incidindo, também, sob os mesmos.

Esse trabalho pretendeu, então, oferecer ao leitor elementos que evidenciem como a partir da perspectiva sócio-histórica é possível ter uma visão da complexidade

e das contradições que envolvem os processos de apropriação da linguagem escrita, uma vez que tal perspectiva aborda a historicidade do sujeito, suas relações com a linguagem e propõe a ressignificação de experiências pautadas no sofrimento e em visão de incapacidade.

Para tanto, esse trabalho amparou seus estudos na referida perspectiva e apresentou dois artigos que abordam a perspectiva sócio-histórica na produção do conhecimento e na clínica fonoaudiológica voltadas à linguagem escrita.

A partir do artigo que aborda a produção do conhecimento, que foi constituído com base em uma revisão integrativa, pôde-se constatar que há publicações (entre 2013 a 2017) de estudos de caso nas revistas da área da Fonoaudiologia que versam sobre a linguagem escrita assentada na perspectiva sócio-histórica, ainda que de forma tímida.

Diante do que foi analisado neste artigo, pôde-se notar que grande parte dos participantes dos estudos de caso puderam, a partir da teoria prático-metodológica assumida pelo profissional/ pesquisador, ressignificar sua posição frente às condições de leitura e escrita e, desta forma, puderam avançar e se apropriar dos aspectos relacionados à linguagem escrita. A partir das terapias e oficinas, os participantes da pesquisa passaram a conceber a linguagem escrita como atividade dialógica, ampliando a compreensão das diferentes modalidades de linguagem.

Com base na realização do artigo que se constituiu em um estudo de caso junto a um acadêmico inserido no ES, constatou-se, que a intervenção fonoaudiológica clínica fundamentada na perspectiva sócio-histórica evidencia a possibilidade de deslocamento da responsabilização do sujeito quanto às suas dificuldades, pois foi baseado nesta teoria que o fonoaudiólogo, ao atender o sujeito da pesquisa, pôde analisar em profundidade a qualidade das interações nas quais o paciente estava inserido e assim promover terapias em que o paciente pudesse refletir sobre sua história, experiências, sua relação com a língua e então dar voz aos seus desejos, elaborar suas próprias hipóteses e perceber sua posição como leitor escritor.

Foi entendido também que a mudança da posição em relação à linguagem escrita denota que um atendimento clínico pautado em tal teoria além de convidar o

sujeito a ocupar um lugar de autoria diante de seus enunciados, em especial no contexto do qual faz parte, também contribui para seu avanço em relação aos aspectos discursivos, textuais e normativos da língua escrita.

Retomando o objetivo desta dissertação, pode-se dizer que foi contemplado, uma vez que, os estudos detalhados para realização deste trabalho mostraram dados e resultados que evidenciaram um problema nacional enfrentado por um grande número de pessoas por terem condições restritas de leitura e escrita no nosso país, bem como de que forma a fonoaudiologia pode produzir conhecimentos e práticas que contribuam, articulados a outras áreas, para superar essa situação.

Ao terminar essa dissertação, fica-nos a certeza de que é preciso ressaltar a necessidade e a importância de novos estudos, práticas e pesquisas direcionadas também à população acadêmica no sentido de consolidar o papel do fonoaudiólogo, ao se deparar com as dificuldades dos pacientes na clínica fonoaudiológica, como um profissional que vislumbra o papel da linguagem como constitutiva do sujeito e que busca uma sociedade mais igualitária e uma instituição de ensino que atenda a todos, na qual alunos são aprendizes que atuam com e sobre a linguagem, sem outros títulos a não ser este.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, M. O Pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa, 2001.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2ª. edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9ª edição. São Paulo: Hucitec; 1998.

BELIDO A.P.; BERBERIAN A.P.; MASSI, G.; MAZZAROTTO, I.; SIGNOR, R. Crianças diagnosticadas com Síndrome de Irlen: analise de produções escritas. Rev. Dic. 2017 Mar. 29(1): 77-85.

BERBERIAN, A.P*. Letramento: referencias em saúde e educação*. In: BERBERIAN, A.P.; MASSI, G.A.; ANGELIS, C.C.M (orgs) São Paulo: Plexus Editora, 2006.

BERBERIAN, A.P.; MASSI, G.A. Pais, filhos e letramento: ressignificação de histórias de leitura e escrita no contexto da fonoaudiologia. In: BERBERIAN, A. P.; MORI- de ANGELIS,C.C.; MASSI, G. A. (Orgs.). *Letramento: Referências em saúde e educação*. São Paulo: Plexus, 2006. p. 33-65.

BERBERIAN, A.P.; MORI-DE ANGELIS, C.C.; MASSI, M. Violência simbólica nas práticas de letramento. In: BERBERIAN, A. P.; MORI- de ANGELIS,C.C.; MASSI, G. A. (Orgs.). *Letramento: Referências em saúde e educação*. São Paulo: Plexus, 2006. p.11- 32.

BERBERIAN, A.P. Princípios norteadores da avaliação clínica fonoaudiológica de crianças consideradas portadoras de distúrbios de leitura e escrita. In: BERBERIAN, A.P.; MASSI, G.A.; GUARINELLO, A.C. (orgs). *Linguagem escrita: Referenciais para a clínica fonoaudiológica.* São Paulo: Plexus Editora, 2003.

BERBERIAN, A.P.; BORTOLOZZI, K.B.; MASSI, G.; BISCOUTO, A.R.; ENJIU, A.J.; OLIVEIRA, K.F.P. Análise do conhecimento de professores atuantes no ensino fundamental acerca da linguagem escrita na perspectiva do letramento. *Rev CEFAC*, v.15, n.6, p. 1635-1642, Dez 2013.

BERBERIAN A.P.; KRUGER, S.; GUARINELLO, A.C.; MASSI, G.A. A Produção do conhecimento em fonoaudiologia em comunicação suplementar e/ou alternativa; análise de periódicos. São Paulo: *Rev* CEFAC, 2009. v. 11, Suppl2. p. 258-266.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CAGLIARI, L.C. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Editora. Scipione, 1997.

CAPELLE, M.C.A.; MELO, M.C.O.L.; GOLÇALVES, C.A. Análise de conteúdo e analise de discurso nas ciências sociais.

CAPELLINI S.A.; FERREIRA T.L.; SALGADO C.A.; CIASCA S.M. Desempenho de escolares bons leitores, com dislexia e com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em nomeação automática rápida. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 12, n.2, p. 114-119, 2007.

COLLARES, C.A.L.; MOYSÉS, M.A.A. (1996). *Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização.* São Paulo: Cortez/Unicamp, 1996.

CUNHA M.C.; PALLADINO R.R.R.; SILVA M.F.F. Estudo de caso clínico na pesquisa fonoaudiológica: da cena clínica às formulações teóricas. *Rev.* Dic. São Paulo, 27(1): 192-195, março, 2015.

DONIDA, L.O. Universitários com dificuldades de leitura e escrita: Desvelando discursos. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

FARACO, C.A. Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009; 2013.

FARACO, C.A. *Linguagem escrita e alfabetização*. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

FARINHA, S. A produção fonoaudiológica de conhecimentos acerca da linguagem escrita: análise de artigos publicados em periódicos da área entre os anos de 2010-2015. Dissertação (Mestrado Distúrbios da Comunicação). Curitiba, 2016.

FIORIN, J.L. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Editora. Ática, 2006.

FERREIRA, C.K.; MASSI G.A.A.; GUARINELLO A.C.; MENDES, J. Encontros intergeracionais mediados pela linguagem na visão de jovens e de idosos. *Rev. Dic*. 27(2): xxx-yyy. Junho, 2015.

FREITAS, M.T.S. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Cadernos de pesquisa n 16, p.21-39, julho/ 2002.

GERALDI, J.W. Portos de passagem. 5ª. edição, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1991; 2013.

GIROTO C.R.M; OMOTE, S. O trabalho em grupo e a atuação fonoaudiológica com a linguagem escrita em escolas. In: SANTANA, A. P.;BERBERIAN, A.P; GUARINELLO, A.C; MASSI, G (Orgs.). *Abordagens grupais em fonoaudiologia Contextos e aplicações*. São Paulo: Plexus, 2007.

GUARINELLO, A.C [et.al] (organizadores). Abordagens em fonoaudiologia: contextos e aplicações. São Paulo: Plexus, 2007.

GUARINELLO A.C.; CLAUDIO, D.P.; FESTA P.S.V.; PACIORNIK, R. Reflexões sobre as interações lingüísticas entre familiares ouvintes-filhos surdos. Tuiuti: Ciência e Cultura. 2013;46:151-68

GUARINELLO, A.C.; MASSI, G.; BERBERIAN, A.P.; TONOCCHI, R.; LUSTOSA S.S. Clínica fonoaudiológica bilíngue, uma proposta terapêutica para surdos com a língua escrita: estudo de caso. CoDaS 2015; 27 (5); 498-504.Abril 2015.

GUARINELLO, A.C.; MASSI, G.; BERBERIAN, A.P.; CLÁUDIO, D.P.; FESTA, P.S.V.; CARVALHO, H.A.S. A retextualização como prática nas terapias fonoaudiologicas com sujeitos surdos. Ver. CEFAC. 2014 Set-Out; 16(5):1680-1690.

INSTITUTO ABRAMUNDO. Brasil (Org.) ILC - Indicador de Letramento Científico: Sumário executivo de resultados 2014. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2014. 43 p. Parceiros: Instituto Paulo Montenegro; Ação Educativa. Cientifico_FCC.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2017.

JESUS, R. C. P. de.; NASCIMENTO (2013). Educação Tutorial de Estudantes de Origem Popular: Universidade e Reconcavo em Conexão. In: Santos. G. G, & Sampaio, S. M. R. (orgs). Observatório da Vida Estudantil: Universidade, Responsabilidade Social e Juventude. Bahia: Editora Edufba

KOCH, IGV. A coesão textual. 8. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

KOCH, IGV .A inter-ação pela linguagem. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LOURENÇO, R.C.C.; MASSI, G.; LIMA, R.R. Trabalho com a linguagem e envelhecimento: uma busca por ressignificação de histórias de vida. *Rev.* CEFAC. 2014 Mar-Abr; 16(2): 672-678.

MASSI, G. A. *A dislexia em questão*. São Paulo: Lexus, 2007.

MASSI, G.; BERBERIAN, A.P.; GUARINELLO, A.C. LOURENÇO, R.C.; TONOCCHI, R.; NETO, J.S. Linguagem e envelhecimento práticas de escrita autobiográfica junto a idosos. Rev. CEFAC. 2015 Nov-Dez;17(6):2065-2071.

MASSINI-CAGLIARI, G. O texto na alfabetização: coesão e coerência. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MASINI, M.L.H. O diálogo e seus sentidos na clínica fonoaudiológica [tese de doutorado]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos pós- graduandos Linguística aplicada e estudos da linguagem ; 2004.

MARIANI, B.Z.P.; GUARINELLO A.C.; MASSI, G.; TONOCCHI, R.; BERBERIAN, A.P; O trabalho fonoaudiológico em uma clínica dialógica bilíngue: estudo de caso. *CoDAs* 2016;28(5):653-660. Fev 2016.

MENDES K.D.S.; SILVEIRA, R.C.C.P.; GALVÃO, C,M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto ContextEnferm.2008;17(4):758-64.

MOYSÉS, M. A.; COLLARES, C. A. L. Inteligência abstraída, crianças silenciadas: as avaliações de inteligência. *Psicologia USP*, v 8, n1, São Paulo, 1997.

MOYSÉS, M.A.; COLLARES, C.A.L. Dislexia e TDAH: uma análise a partir da ciência médica. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO- Grupo interinstitucional Queixa escolar. *Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p.81-130.

MUNHOZ, C. M. A.; MASSI, G.; BERBERIAN, A. P.; GIROTO, C. R. M.; GARINELLO, A. C.; *Análise da produção científica nacional fonoaudiológica acerca da linguagem escrita. Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 249-258, jul./set. 2007.

PAN, M. A. G. S. Infância, discurso e subjetividade: uma discussão interdisciplinar para uma nova compreensão dos problemas escolares. Dissertação de Doutorado em Estudos Linguísticos. UFPR, 2003.

PAN, M.; ZONTA, G.; TOVAR, A.; MALLMANN, L.; Cruz, A. C.; (2014) Plantão Institucional: uma proposta de atuação da psicologia junto ao jovem universitário. *In Ponencia presentada enel V Congreso Latinoamericano de Psicología de la ULAPSI*, La Antigua Guatemala, Guatemala Centro América.

PEREIRA, L.T.K.; GODOYB, D.M.A.; TERÇARIOL, D. Estudo de Caso como Procedimento de Pesquisa Científica: Reflexão a partir da Clínica Fonoaudiológica. Psicologia: Reflexão e Crítica, 22(3), 422-429, 2009.

RHODES, C.A.A. Crônicas do cotidiano universitário: um estudo sobre os sentidos da experiência da graduação no discurso de um grupo de acadêmicos da Universidade Federal do Paraná. Dissertação de mestrado em Psicologia apresentado ao programa de Pós Graduação em Psicologia da Univerisidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

ROJO, R. *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas, SP: Mercado das letras, 1998.

SANTANA, AP. A LINGUAGEM NA CLÍNICA FONOAUDIOLOGICA: IMPLICAÇÕES NA ABORDAGEM DISCURSIVA. Dic. São Paulo, Dezembro, 2001.

SOARES, M. Letramento: Um tema em três gêneros/ Magda Soares, Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. 2009
.

SOBRAL, A. Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SIGNOR, R.C.F. OS GÊNEROS DO DISCURSO NA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA: um estudo de caso. Mestranda em Lingüística – UFSC, 2011.

SIGNOR, R.C.F. Terapia fonoaudiológica em grupo voltada à linguagem escrita: uma perspectiva dialógica. RBLA, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 585-605, 2012.

SIGNOR, R.C.F. *O sentido do diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade para a constituição do sujeito/aprendiz*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em linguística. Florianópolis, 2013.

SIGNOR R.C.F.; SANTANA A.P.O. A outra face do Transtorno de Défict de Atenção e Hiperatividade. Rev. Dic. 27(2): xxx-yyy. Junho, 2015.

SIGNOR, RCF; VIEIRA, SK; SANTANA, AP; BERBERIAN, AP. Distúrbio de processamento auditivo xdificuldade de leitura e escrita: há uma relação?. *Rev. Bras. Linguíst. Apl.,* v. 18, n. 3, p. 581-607, 2018.

SINHORINI, G.; SANTANA, A.P.O.; SANTOS K.S.; MASSI, G.A. O processo terapêutico nas afasias: implicações da neurolinguística enunciativo – discursiva. Rev. CEFAC vol.18 no.1 São Paulo Jan./Fev. 2016

SILVA, CC; VÒVIO, CL; RIBEIRO, VM; *INAF– BRASIL /2016*. Indicadores de Alfabetismos Funcional. Estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho. Instituto Paulo Montenegro,2016. Ano 2015.

TAQUETTE, S.R; MINAYO, M.C. Análise de estudos qualitativos conduzidos por médicos publicados em periódicos científicos brasileiros entre 2004 e 2013. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 26 [2]: 417-434, 2016.